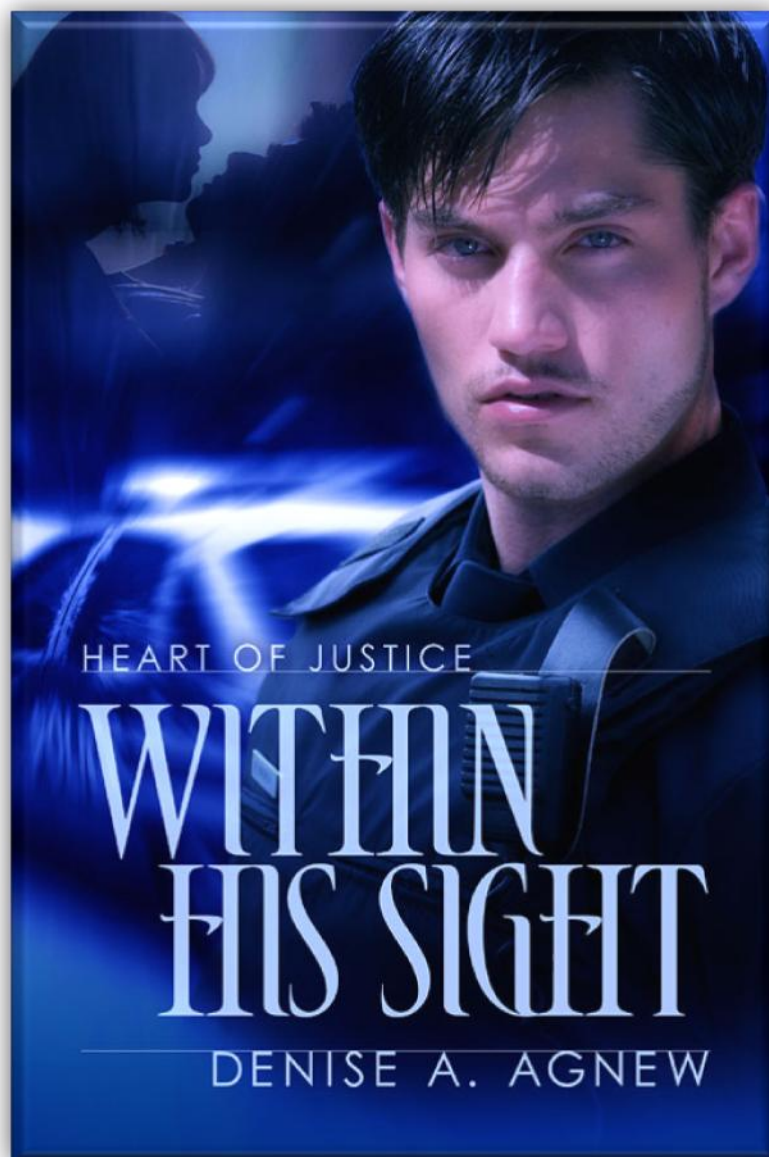


Dentro de sua visão- Coração de Justiça-Livro um-Denise A.Agnev



DENTRO DE SUA VISÃO

Coração de Justiça-Livro um
Denise A.Agnev

Revisão inicial: **Gisele Cavaleri**

Segunda revisão: **Thayze**

Dentro de Sua Visão

Coração de série de Justiça-Livro um
Denise A.Agnew

As mulheres respondem à testosterona de um homem sem pensar...

Marcada por más lembranças de traição do passado, Mary Wickes sabe que envolver-se com Dace "Hard Man" Banovic, membro da SWAT seria um grande erro. No entanto, trabalhar com ele por seis meses no departamento do xerife provou que seus hormônios não se importavam com o que ela pensava e só com o que ela queria.

Homens respondem a suavidade de uma mulher sem pensar...

Dace está intrigado com as táticas de evasão de Mary, e embora ele tentasse ignorar a poderosa atração que sentia por ela, ele não conseguia deixar de querer saber tudo sobre a mulher que desejada há vários meses.

Quando o perigo chega, às vezes leva um homem e uma mulher especial para afastá-lo até o fim... Quando uma situação com reféns os obriga a enfrentar seus medos, Mary e Dace precisam encontrar coragem para enfrentar os sentimentos que tentaram negar.

Dedicação

Para meu querido marido, Terry.
Sempre meu herói.

Capítulo Um

As mulheres são programadas para responder a um macho alfa de maneira sexual. Elas não conseguem resistir à testosterona.

Mary Wickes assistiu o psicólogo falando na TV de tela plana fixada na parede, graças à legenda.

O barulho no bar havia se intensificado nos últimos minutos da sexta-feira enquanto uma aglomeração de pessoas saía do trabalho e entravam providos com botas de neve e prontos para a tempestade que o noticiário tinha predito. Também poderia celebrar o temporal próximo com um gole de uísque ou uma taça de vinho.

- As mulheres também procuram por proteção de um macho alfa e respondem a ele como se elas estivessem no tempo das cavernas, a legenda mostrou na tela. - As mulheres são escravas de sua biologia.

- Conversa fiada, Mary disse alto, então olhou ao redor com esperança que ninguém a tivesse visto falar com a televisão.

Não. Pessoas riam, e conversavam com a música alta.

- As mulheres não podem resistir quando a química de um homem corresponde a sua, a psicóloga disse. – É mágico. A atração é quase impossível de ser ignorada.

Mary bufou em discordância. - Certo.

Ela trocou em seu banco minúsculo. Esta pseudo psicóloga afirmou que as mulheres não tinham nenhum controle sobre suas mentes, seus corpos. *O que é absoluta bobagem.*

- Existe um imperativo biológico por que as mulheres acham homens com ombros largos, altura significativa, e um... Ahem... E ousadia sexual óbvia. Ele será provavelmente um bom provedor, um protetor, que lhe dará crianças fortes. Gostando disto ou não, o cérebro primitivo responde desta maneira.

Mary fez uma careta. *Sim. Certo.* Seus hormônios responderam repetidas vezes pelo homem errado, maldição.

Admitir isto não era fácil, e ela se recusou a começar. Quem sabe quando a Ação de graças chegasse a três semanas, e ela pudesse se esconder do resto do mundo e então desfrutar de paz e sossego?

Ela conseguia, em geral, se esquecer a agitação, alvoroço e fingir que o mundo lá fora não existia, enquanto ela bebia sua taça de vinho tinto e apreciava seu jantar. O bar do Louis estava longe de ter a atmosfera de uma taverna. Este lugar... Bem, não ajustava a Gold Rush, Cidade pequena de Colorado. Jovens e colegiais gravitavam por este lugar como uma alternativa para jantares tranquilos em casa ou em um local restaurante. Para tanto, ela se sentia agradecida. Este lugar estava carregado com uma energia em que ela precisava se perder.

- Os homens respondem para mulheres que eles vêem como bons procriadores, o psicólogo da televisão disse. - Conseqüentemente, a razão por que as loiras têm mais diversão.

Sua boca caiu aberta, e a última batata frita que ela tinha antecipada com tal sabor, não soou mais tão deliciosa. *Cabelos loiros é a indicação de que você seria uma boa procriadora?* Coisa mais ridícula e sem sentido, como sua avó materna teria dito.

Mary olhou para seu hambúrguer. Ela comeu hambúrguer e fritas enormes sem culpa. Ela tinha desejado isto o dia todo, bem ciente de que ela comeria isto antes de sair o ar motivado por esgotamento e serão de trabalho por uma semana.

Explicava sua reação sensível ao psicólogo da televisão, sua atitude sobre o trabalho, e seu desejo visceral de ir para casa e refazer seu currículo. Também explicava seu desejo constrangedor acertar certo homem com seu traseiro magnífico e lhe dizer que caia na real o que não a aborrega a envolvendo em vibração sexual.

Coragem. Qualquer que seja a droga que o psicólogo na televisão tenha dito.

Ela empurrou seu prato de lado, saciada de carne vermelha, e deu um gole em seu vinho. Nada como o álcool para enchê-la de coragem. Ela precisava de coragem se esperava procurar por um novo trabalho logo.

Passar parte do seu final de semana planejando seu novo currículo não fazia parte de seus planos, ainda assim ela deveria fazer isto. Ela tinha que deixar Gold Rush antes que sua testosterona provasse que Amanda Prather estava absolutamente correta.

E minha força de vontade no banheiro.

Uma vez fora de Gold Rush, ela poderia criar uma nova vida livre de complicações com o sexo masculino. Ela poderia se esquecer que certo homem tinha derrubado todas suas defesas.

Sua sorte não durou muito.

Caminhando em sua direção, a definição viva de sexo. A ruína de sua existência. A razão pela qual ela precisava correr e correr rápido. Dace “Hard Man” Banovic.

Ela quase gemeu. Ela não queria notá-lo, mas ela o notou de qualquer maneira. Dace não se vangloriou, mas o perigo definia seu caminhar, e a confiança irradiava dele. Sua forma muscular e dura mostrava todas estas qualidades, e ele não tinha que dizer uma palavra. Alto, moreno e bonito o descrevia superficialmente. Não, ele era todas aquelas coisas e nenhuma delas, uma dicotomia de texturas e singularidade que ela acharia difícil de descrever a quem perguntasse. Quando ele se aproximou, ela bebeu mais de dois metros de masculinidade, com ombros largos. Seu cabelo escuro como breu começava a rarear na testa, e isto provavelmente o motivou a manter o estilo de corte militar. Isto não afetou em nada a simetria notável de seu nariz e penetrantes olhos cinzentos. Uma pequena cicatriz em cima de sua sobrancelha direita lhe conferiu um toque de Hard Man que as mulheres pareciam achar fascinante. Quando ele caminhou em sua direção, ela soube que ele a tinha visto. Ela não podia fugir da lei.

Swat tinha vindo pra levá-la embora.

Quando ele passava pelas mesas, as mulheres o olhavam admiradas lhe lançando olhares e sorrindo, achando que ele as notaria. *Afinal, ele definia todas aquelas coisas que o psicólogo de televisão tinha discorrido, não é?* Ainda assim, uma mulher devia ser capaz de restringir suas respostas, e controlar seus impulsos físicos, por Deus.

Finalmente, Dace chegou a sua mesa e a olhou com raiva. Ele transbordava energia no uniforme de manga longa da Swat. Seu olhar se fixou nela e ela o fitou de volta. Quando ela abriu sua boca para fazer um comentário esperto, ele deslizou na cadeira oposta. Que motivo ele teria para luzir a ela como se ela tivesse cometido homicídio?

Ela tomou um gole vagaroso de seu merlot.

- O que o traz aqui?

- Coreen disse que você está deixando Gold Rush.

- Você não deveria acreditar em qualquer coisa que ela diz.

Ele franziu o nariz não alterando sua aparência aristocrática em nada. - Coreen é uma boa informante.

Os dentes de Mary doeram só de pensar na mulher.

- Ela também pode ser uma cadela. Ela é magnífica, vinte e cinco anos e acha que você é muito quente. O que você não é... Claro.

- Agora quem está sendo uma cadela? A diversão em seus olhos desmentia suas palavras.

Deus, ela odiava quando ele sorria, porque duas pequenas covinhas apareciam em suas bochechas e toda aquela atitude de dor no traseiro se transformava em uma mistura devastadora que ela não conseguia ignorar.

Como um homem podia conter tanta testosterona e tanto charme ao mesmo tempo? *Não era justo.*

- Ela não devia ter dito nada a você, ela disse em defesa.

- Então eu acho que você não devia ter lhe contado seus planos.

- Eu não fiz. Eu penso que Hetty George do pessoal contou. Ela pegou sua bolsa e colocou o dinheiro para o jantar e o vinho na mesa.

Dace fez uma careta quando uma nova canção vociferou em cima das pessoas. - Maldição, como você consegue ouvir com este barulho?

Ela sorriu maliciosamente e tocou sua orelha direita.

- O que? Eu não consigo ouvi-lo?

- Eu disse - maldição, não importa.

Antes dela poder tomar o último trago de seu vinho, ele se levantou.

- Venha comigo.

- Por quê?

- Porque nós precisamos conversar.

Curiosa e um pouco aborrecida, ela deslizou do banco. Para sua surpresa ele pegou seu braço. O aperto dele a assegurou de que ela tinha que segui-lo, mas ele controlou sua força - o aperto não doía. Ela agarrou a bolsa e o casaco de lã, e saiu junto com ele, tentando acompanhar suas passadas largas.

Infelizmente, as pessoas a viam sair com um policial, saindo do restaurante apressados, provavelmente pensariam que ele a estava levando presa. Encantador.

Uma vez fora de no estacionamento, ele a guiou para seu carro, que tinha marcado na porta - Departamento de polícia do Município de Torro.

- Eu estou presa, Oficial?

Ele a guiou até um canto do edifício não tão iluminado.

- Não.

Suas botas derraparam em um pedaço de gelo e, com um grito de surpresa, ela caiu em seu traseiro com um baque.

- Ah, merda! Dace se agachou próximo a ela, sua mão em seu ombro. - Deus, querida, você está machucado?

Querida? Ele nunca a tinha chamado assim antes, e a preocupação em seus olhos a pegou desprevenida. Quando ela não respondeu, ele

colocou sua mão na parte de trás de seu pescoço e a perscrutou com seus olhos, cheios de preocupação. Estreitando seu olhar.

- Mary, você está machucada?

Sua pele contra a sua, algo que ela nunca tinha experimentado antes, a surpreendeu em silêncio.

Um inesperado calor subiu por sua barriga, sua respiração ficou mais rápida. Agitada por ter sua atenção, ela se levantou e se soltou, espanou a neve fora de seu traseiro se abaixou para agarrar sua bolsa e casaco.

- Eu estou bem.

- Certeza?

- Ótima.

Seu olhar aguçado ficou mais avaliador do que nunca.

Ela se voltou contra a parede de tijolo, irritação e algo muito mais potente e impossível de prever tremulou em sua barriga.

- Você podia ter conversado comigo no restaurante. Agora todo mundo está pensando que você está me levando presa.

Ele cruzou seus braços.

- Eu não acho que você realmente se importa com o que as outras pessoas pensam. Coloque seu casaco ou você congelará até a morte.

Ela lhe deu sua bolsa.

- Aqui, segure isto.

Ele fez como ela tinha pedido enquanto ela lutava com seu casaco. Ela tinha dificuldade em enfiar o braço na manga. Ele a ajudou, eficazmente segurando o lado do casaco. Para sua surpresa ele agarrou as lapelas e as juntou, e começou a abotoar seu casaco. Ela quase empurrou aborrecida, sua mão para longe. Suas grandes, e bem formadas, magníficas mãos. Mãos que ela imaginou passeando em cima do seu corpo. Seu rosto se aqueceu.

- Nossa, obrigado, Dace. Ela levantou uma sobrancelha e olhou para a bolsa que oscilava em seu pulso enquanto ele abotoava seu casaco.

- Sabe você realmente parece bem com esta bolsa.

Ele grunhiu e a devolveu. Sua grande armação assomou em cima dela, mas até com pouca luminosidade Mary viu sua expressão dura.

- Eu não conseguia ouvir com aquela música maldita. Eu não sabia que você gostava de locais assim.

Ela arrumou sua bolsa de couro preta pequeno em seu ombro.

- Eu não gosto. Mas eu também não fico incomodada como você.

- O que?

-Você sabe. Dança lenta. Dança rapidamente. Qualquer tipo de dança. Lembra *da* festa?

Ele estremeceu.

- Não me recorde.

- Oh, vamos. Quando você foi convidado você sabia que haveria dança.

- Eu não vi você dançando também.

- Certo. Você se lembra que eu dancei três vezes com seu amigo Decker. Eu o vi nos fuzilando com o olhar.

- O que minhas preferências têm que a ver com isto?

- Eu não sei. Eu estou apenas conversando civilizadamente apesar do fato de você ter sido um troglodita.

Um músculo em sua mandíbula trancou, então lançou.

- Eu não arrastei você. Ele estava mais íntimo, seu corpo tão próximo que ela sentia seu calor. Sentindo o cheiro de seu aroma pecador, masculino.

- Decker é um cafajeste. Eu estava preocupado que você ficasse envolvida com ele.

A surpresa a manteve muda por um momento, mas ela encontrou sua voz.

- Por que você se importou? Não é como eu não estivesse segura com ele. Afinal, ele é um policial.

- Ele não a machucaria fisicamente, mas eu vi mulheres se apaixonarem por seu charme. Ele é um bastardo falso. Eu me importaria com qualquer mulher que se envolvesse com um idiota como Decker.

Ela não podia discutir.

- Obrigado, Dace.

Agora, ela quis dizer isto.

Seus dedos roçaram em seu rosto suavemente, então se arrastaram por seu braço com calor suave. Mesmo por cima do seu casaco, seu toque inflamou de excitação. Ela estremeceu com o fogo que seu toque criou em suas veias.

- Maldição.

Sua voz soou áspera.

- Quando eu a tomei nos braços no restaurante, eu não a machuquei, não é?

A sinceridade ondulou por ela. Ela ouviu e sentiu isto. Seu odor, um morno musk de couro, formigaram em sua barriga e aqueceu-a pelo avesso. Instintos primitivos a engolfaram. Quando ele chegou tão próximo e cheirava tão bem, ela podia comê-lo com uma colher.

Ela apertou seus bíceps suavemente em um movimento conciliatório.

- Você não me machucou. Apenas me irritou.

- Bom.

- Por que você veio me procurar? Ela perguntou.

- Por causa do que Coreen me disse.

- Você não podia ter conversado comigo no trabalho na segunda-feira?

- Inferno, não. Depois que eu vi seu carro na frente deste lugar, eu soube que não poderia esperar até amanhã.

- Me diga por que nós temos que ficar aqui na neve.

O vento rodou flocos pequenos da beirada do edifício, então uma rajada os soprou. Ainda assim, esta parte do edifício lhes deu a abrigo suficiente.

- Me diga por que você está deixando o departamento do xerife.

A concentração feroz em seus olhos a sondaram do modo que um policial conseguia arrancar os segredos mais escuros de qualquer criminoso.

- Mary?

- É tempo de mudar.

- Todo mundo, ocasionalmente tem necessidades de mudança. Mas eu não achei que você estava infeliz no Departamento do xerife.

- Não é tanto a estação.

Ele se aproximou mais, e a distância íntima pulsou nela em revolta.
Maldito psicólogo. Ela estava certa, maldita.

- O que é então? Ele perguntou.

- Dace, eu trabalhei no departamento por dois anos.

Ele encolheu os ombros.

- Isto não é muito tempo.

Ela lançou suas mãos ao alto.

- Em Chicago eu era assistente administrativo. Doze anos no departamento de polícia em Chicago, então dois anos aqui. Eu estou cansada de fazer o que eu devo e não o que eu quero. Eu tenho trinta e cinco anos. Os anos estão se passando diante de mim e eu estou correndo atrás.

- Então o que? Eu tenho trinta e cinco anos, também. Você age como se estivesse sem tempo.

- Todos nós estamos. Nenhum de nós sabe o que poderá nos acontecer amanhã.

Ele clareou sua garganta e pareceu desconfortável.

- Olhe, se isto tem qualquer coisa a ver com o que aconteceu com seu pai muito tempo atrás, eu sinto muito. Algo assim pode ferrar sua mente por muito tempo.

Ela quase deu coices com as palavras duras, raiva desarrazada correu por seu sangue.

- É complicado. Onde você ouviu sobre meu pai?

- Lakeisha.

Ela fechou seus olhos se voltou.

- Maldita esta cidade e os fofoqueiros. Ela não devia ter dito nada.

- Eu perguntei a ela. Eu ouvi você dizer algo vários meses atrás que me intrigou. Eu esperei um longo tempo até que a curiosidade levou vantagem.

Mary abriu seus olhos.

- O que você me ouviu dizer?

- Você disse que nunca quis se relacionar com um policial. Especialmente não um policial da SWAT. Você quer me dizer que em todos aqueles anos que você trabalhou na polícia de Chicago, você nunca saiu com um oficial?

Eu nunca pude fazer isto.

- Nunca.

- Surpreendente.

- Tudo que eu tive que fazer era dizer não. Além disso, não que muitos deles tivessem me convidado, e eu certamente não os convidaria.

Dace colocou as mãos em seus quadris.

- Eu perguntei a Lakeisha se a polícia a tinha machucado. Isto foi quando ela me contou sobre seu pai.

Ela respirou fundo.

- Bem, eu não acho que eu possa xingá-la. Eu não lhe disse que as informações eram secretas. Eu contei sobre meu pai quando nós compartilhamos uma garrafa grande de vinho branco na noite das meninas.

Sua boca se entortou em diversão.

- Sim, me contou o que tinha acontecido. Ele clareou sua garganta.

- Mas eu sinto muito sobre seu pai. Deve ter sido duro.

- Não dói tanto, agora. Ela suspirou.

- Mas trabalhar todo dia no departamento do xerife com execução de lei não foi minha melhor idéia.

Um outro daqueles sorrisos encantadores cruzou sua boca tempo suficiente para desarmá-la.

– Parecia que você estava tendo um péssimo dia na festa de caridade.

Ela recordou. Cara, se ela não recordasse.

– Meu encontro não tinha sido o melhor que eu tive.

- Oh?

- Ele falou sobre si mesmo a noite toda.

Ela suspirou. Ela não quis conversar sobre a multidão de encontros às escuras que ela tinha tido ao longo dos anos, então começou outro assunto.

- Você pareceu bastante feliz na festa.

Aquelas covinhas que a deixavam louca apareceram novamente quando ele sorriu.

– Estava bem. Ele grunhiu. - Janny me deu seu número de telefone.

Ela não quis pensar sobre ele encontrando conforto nos braços de outra mulher na noite da festa beneficente da polícia. Mas honestamente, ela não podia culpar as mulheres por babar em cima dele. Ele possuía toda aquela testosterona que a maioria dos homens da SWAT tinha, eles não tinham culpa disto. O trabalho exigia isto.

- Desde que você não tenha dado o seu.

Oh, merda. Eu falei em voz alta.

Seus olhos se arregalaram, e então ele riu.

- Por que você se importaria?

O calor inundou o rosto de Mary enquanto ela tentava pensar em uma maneira de se salvar de sua declaração reveladora.

- Bem... Eu não me importo. Eu só ouvi que seu namorado era do tipo ciumento.

Dace esfregou a volta de seu pescoço.

- Eu não lhe dei nada. Eu não estava interessado. Então você não viu novamente aquele sujeito?

- Não, eu o despachei. Ela afastou a gola do casaco tinha colado ao seu rosto. - Pelo menos eu fiquei sabendo o idiota que ele era naquela noite.

Sua mandíbula se apertou enquanto seus olhos faiscavam com raiva.

- O que ele fez?

- Me apalpou quando eu não quis ser apalpada.

Oops. A coisa errada para dizer.

Os olhos de Dace se estreitaram, o perigo enrolando seu corpo duro, alto.

- Ele a machucou?

- Não. Não. Ele me beijou e me pegou de surpresa. Então quando eu disse que eu não me sentia daquela maneira ele me apertou em seus braços e me beijou novamente de qualquer maneira.

- Filho de uma cadela. Que idiota.

- Sim, ele é. Ela sorriu, tentando desfazer sua afronta. - Eu o chutei no traseiro.

Ela esperou que ele fosse sorrir. Ele não fez. Sua boca ficou contraída.

- Eu devia examinar cuidadosamente sua casa e...

- Whoa. Whoa lá, vaqueiro. Ela agarrou seus bíceps em um impulso e os sólidos músculos se moveram em baixo de seus dedos.

- Calma. Ele nunca me aborreceu novamente depois disto. Além disso, ele deixou a cidade atrás de pastos mais verdes.

Ele respirou profundamente.

- Desculpe. Tira-me do sério pensar sobre qualquer homem a machucando de qualquer forma.

Para horror de Mary, a idéia de que ele podia se sentir desta maneira mexeu com seus hormônios, e se ela gostasse ou não, sua respiração ficou rápida, seu corpo apertou até que ela não podia sentir o vento frio rodando ao redor seus tornozelos.

- Eu preciso de uma relação adulta com um homem crescido. Não com um que pareça ser.

- Existem homens reais em Gold Rush que querem uma relação adulta. Seu olhar se concentrou em seus lábios, deslizaram com fome até seus seios e então retornaram aos seus olhos. - Você é adulta. Definitivamente.

Flashes de estimulação e de indignação brigaram dentro dela.

- Emocionalmente, Dace. Eu preciso encontrar meu caminho.

- Certo, eu entendo isto, também. Ele arranhou seu queixo.

- Você tem outro trabalho em vista?

A curiosidade dirigiu sua próxima pergunta.

- Por que você está tão interessado no eu faço, Dace? Nós só nos conhecemos há seis meses. Não é como se nós fôssemos amigos...

- O que? Sua dureza de policial tomou à dianteira. - Claro que nós somos amigos.

- Eu estou deixando Gold Rush definitivamente, não estou só procurando um novo trabalho.

Seus olhos se alargaram um pouco. Suficiente para lhe dizer que ela lhe tinha dado um golpe.

- Por quê?

- Porque esta cidade não tem o que eu preciso.

- Talvez você não tenha procurado suficiente.

Ela friccionou seus dentes, então o cutucou no tórax. Seu dedo indicador encontrou a dureza irreconciliável do colete à prova de balas que envolvia o músculo sólido.

- Sabe, isto é uma coisa que me irrita, Dace Banovic. Você é muito intenso. Uma pessoa não pode estar certa ao seu redor, não é?

Sua boca estalou aberta, entretanto ele a fechou. Bom. Ela o tinha silenciado por uma vez.

- Eu preciso ir. Ela empurrou uma mão por seu cabelo. Ela estremeceu quando vento frio serpenteou em cima de suas pernas cobertas apenas por meia calça.

- Eu somente... Incerteza chamejou em seus olhos.

O rádio em seu ombro chamou, e com eficiência ele o agarrou e o locutor despachou a missão.

- Dez-quatro, ele disse ao rádio, sua voz concentrada no trabalho, - respondendo.

- Douglas está nisto novamente?

- Ele está trancado naquele montão de lixo que ele chama de casa. Condene o velho bastardo. Dace agitou sua cabeça. - Eu conversarei com você mais tarde.

Ela começou a se afastar. Até mais.

- Espere.

Ela se deteve ao seu tom de comando.

Uma mão em seu holster, ele lhe deu um olhar agudo.

- Tenha cuidado. As estradas estão ficando escorregadias.

Ela o saudou.

- Sempre, sempre, senhor.

Ele sorriu e agitou sua cabeça em seu tom zombeteiro.

Quando ele caminhou na direção do seu carro, ela se dirigiu ao seu. Como sempre, Dace deixou algo no ar. Parecia que todas suas conversas terminavam assim. Coisas ficavam no ar e emoções borbulhavam direito abaixo da superfície. Pensamentos e sentimentos nunca cumpridos.

Capítulo Dois

- Você parece mais nervoso que o inferno, Kelso Johnson Freelance disse para Dace quando eles entraram o departamento do xerife depois de um longo dia de patrulha pelo município. - Você precisa esfriar a cabeça. Parece que você está pronto para esmurrar alguém, e é só segunda-feira.

Dace relaxou sua mandíbula, bem ciente que o trabalho do dia trouxe sua paciência ao limite.

- Aquela última chamada me tirou do sério. Eu estou cansado.

- Você parece um monte de merda.

Dace lançou um olhar atravessado ao seu companheiro do mal em seu alto companheiro.

- Nossa, obrigado.

- Você precisa relaxar. Siga meu exemplo. Ligue para uma das mulheres de sua pequena agenda preta e relaxe.

Dace riu um pouco de sua tensão aliviando.

- Você só fala asneiras, Kelso. Como se eu tivesse uma agenda destas.

A síndrome maternal de seu amigo não devia aborrecê-lo, mas hoje tudo que ele queria era ir para casa, cair no sofá e assistir algum programa de esportes e então dormir. Uma noite enfadonha ordinária soou bem.

Kelso esfregou sua mão por sua pele escura e então acima de seu cabelo curto.

- Eu falo sério, cara. Quando foi a última vez que você teve um encontro?

- Encontro? Dace bufou. - O que é um encontro?

Kelso luziu. Seus olhos pretos penetrantes assustavam todos. Ele não quis intimidar nenhum inocente, mas sua experiência militar lhe deu uma extremidade afiada. Ele desistiu de uma promissora bolsa de estudos de basquetebol na faculdade para juntar-se aos marines, então mudou seu foco para execução de lei e achou seu lugar. Dace o considerava um grande amigo, ainda que Kelso o irritasse às vezes.

- Você sabe o que dizem por aí, Kelso disse.

- Use isto ou perca isto.

- Você está dizendo que se eu não imergir meu pavio ocasionalmente então ele cairá?

Kelso apontou nele.

- Você entendeu.

Dace esfregou seu pescoço.

- Sua irmã é bastante quente.

- Você não está chegando a qualquer lugar *próximo* à minha irmã caçula.

- Ela tem trinta anos de idade.

- Minha irmã é inocente. Tire suas mãos.

- Eu não penso que eu sou seu tipo de qualquer maneira.

- Você esta malditamente certo que você não é.

Dace riu.

Kelso dirigiu-se ao vestiário.

- Seu estado de espírito súbito não teria nada a ver com sua assistente administrativa certo, teria?

Dace fez careta, surpreso pela avaliação do Kelso e sua própria transparência.

- Não, não teria. De onde você tirou esta idéia?

Kelso levantou suas sobrancelhas.

- Vamos. Eu sei que você não é tão estúpido.

Dace franziu a testa e o seguiu no vestiário.

- Sim, eu sou. Sobre o que você está falando?

- *Ela*. Mary Wickes. Eu vi o modo que você olha para ela.

- Você está me gozando.

- Não, eu falo sério. Ele bateu no ombro do Dace.

- Se eu notei isto então todo mundo também notou.

Dace fez careta.

- Fuck.

- Uh-huh.

- Não é assim.

- Então por que parece tanto como o que não é?

- Isto é para fazer sentido, Kelso?

O policial desengonçado encolheu os ombros quando ele começou a colocar uma camiseta de treinamento e calção.

– Faz muito sentido para mim.

Dace esperou que a conversa terminasse ali. Mas inferno, não. Ele não poderia ser tão sortudo, poderia?

- Veja, é assim. Kelso se sentou em um banco e pegou suas meias de sua bolsa. – Eu penso que você está apavorado. Preocupado com a Senhorita Boazinha.

- Senhorita Boazinha? Ela não é... Dace se deteve quando um sorriso surgiu na face de seu amigo. – Você é um bastardo.

- Se você acha. Você afirma não saber sobre que diabo eu estou falando - ou neste caso, sobre quem eu estou falando - então você salta rapidamente em defendê-la. É um grande negócio.

Dace fechou seus olhos uns segundos e soltou um suspiro exasperado.

- Que diabo é o grande negócio? Por que você está pregando meu traseiro na parede?

- Merda, prazer, se fosse preferência justa então nós não estaríamos tendo conversações psicológicas profundas sobre seu problema.

- Meu problema? A ira de Dace cresceu. - Eu não tenho um problema. Ela não é um problema de qualquer forma. De fato, ela é...

- Sim? Kelso colocou suas meias e calçou seus tênis.

- Mary não é senhorita boazinha. Inferno, ela é...

- Sim, cuspa isto. Você pensa que ela é quente.

Dace se sentiu imensamente incomodado, um desejo para correr enquanto ele possuía dignidade. Quando Dace não falou nada, Kelso se debruçou e disse em um tom mais baixo, - Vamos, cara. Admita.

- Eu não admitirei nada.

Kelso movimentou a cabeça, sua expressão suave.

- Eu entendi isto. Você não está em contato com seu lado feminino.

Uma gargalhada surgiu por sua garganta e ameaçou estrangulá-lo. Ele a cortou antes que saísse do controle.

- Eu não estou certo que eu tenha um lado feminino.

- Todo homem tem.

A paciência escasseando, Dace alfinetou seu amigo com um olhar fixo.

– E qual é o motivo de você estar me pressionando?

Completamente vestido, Kelso fechou seu armário.

- Irene e eu fizemos esta mesma dança um ao redor do outro um bom ano antes que eu me decidisse.

- Oh, e qual é problema?

- Não espere Dace. Não deixe seu passado sufocar algo bom antes que tenha uma chance de crescer.

Dace não podia se mover e não conseguiu dizer nada por alguns segundos.

- Mary não é como... Meu passado.

- Viu? Você não consegue nem diz nome da Gloria. Isto prova que você está preso ao passado? Quando você vai deixar Gloria ir e permitir alguma felicidade em sua vida? Eu não sei sobre você, cara, mas quando eu estiver velho e de cabelos brancos eu sei que Irene estará lá para empurrar minha cadeira de rodas e me dizer piadas. E isto é o que eu quero. Eu não quero uma vida cheia de remorsos porque eu fui um maldito assustado para fazer um movimento. Kelso foi embora. Quando ele alcançou a porta do vestiário, ele se voltou.

- Nós ainda vamos jantar amanhã à noite?

- Você não pensa que eu vou deixar Irene desperdiçar uma boa lasanha só com você, não?

Kelso lhe deu um tchau e partiu.

- Não pensei que você iria.

Dace trabalhava com ele há seis meses, mas era como se ele conhecesse Kelso desde sempre. Kelso era seu companheiro em patrulha regular, um dos poucos - e sim, orgulhosos - que trabalhou o município como SWAT. Ele confiaria sua vida ao homem qualquer hora.

Amigo ou não, um homem podia contar com conselho do Kelso.

- Inferno, não, Dace disse enquanto ele bateu seu armário fechado.

* * * *

- Eu posso ajudá-la? Mary perguntou enquanto ela assistia Irene Johnson se movimentar ao redor de sua ultramoderna e espaçosa cozinha terça-feira à noite.

Irene esta cortando algo próxima a pia e sorrindo.

- Mel, tudo está quase pronto. Tudo está em fogão lento. Tudo que eu tenho aqui são alguns vegetais para cozinhar.

- Você tem certeza?

- Você podia abrir o Chianti. Irene se dirigiu ao refrigerador, seu longo e preto cabelo cintilando debaixo da iluminação do teto alto.

- Ou você podia esperar e deixar Dace fazer isto.

Silêncio.

Mary tragou sua surpresa.

- Dace também foi convidado?

Irene lhe lançou um olhar especulativo.

- Certamente. Ele é o melhor amigo do Kelso. Por que eu não o convidaria?

- Um, eu não sei. Eu só acho que nunca... Mary encolheu os ombros quando calor encheu seu rosto.

Irene colocou couve-flor crua, cenouras, e outros vegetais em uma bandeja de cristal e adicionou uma tigela do molho que Mary tinha trazido.

- Existe algo misterioso acontecendo entre você e Dace?

Mary se afundou em uma cadeira de café da manhã, não sabendo o que era sábio falar e o que devia manter para ela mesma.

- Nada está acontecendo conosco.

Antes que Irene pudesse especular, a campainha tocou. Ela levantou suas mãos molhadas.

- Boneca, você podia atender para mim?

Mary diminuiu a velocidade de seus passos quando ela caminhou pela brilhantemente sala de estar moderna. Não era seu estilo preferido, mas era o gosto dos Johnsons. Agora mesmo, quando ela deu cada passo, diminuiu a velocidade. Ela suspirou e agarrou a maçaneta, suspeitando que Irene só a tinha convidado porque Dace também iria. Irene não sabia sobre a atração furiosa que Mary sentia por Dace, não é?

Dace estava na porta, seus lábios se abriram em surpresa óbvia antes que ele conseguisse se recompor. Vestido em uma jaqueta de couro preto espesso e calça jeans pretas botas de vaqueiro, ele não parecia tão feroz. Ela tentou se lembrar da última vez que o tinha visto em roupas civis. Dois meses atrás em uma festa de departamento. Mas, oh, ele ainda olhou odiosamente e inegavelmente magnífico. Todo célula em seu corpo se agitou, e seu coração saltou.

Ele trazia um ramalhete de flores e uma garrafa de vinho.

- Ei.

Ela se afastou.

- Oi. Entre.

Para sua surpresa, ele abriu um sorriso devastador que transformou seu rosto de frio e composto para devasso e sensual.

- Bom ver você.

Surpresa por seu prazer aberto, ela fechou a porta e o seguiu até a sala.

- Bom o ver também.

Oh, Mary. Isto é tudo que você pode pensar em dizer?

- Eh, Hard Man, como você está? Irene perguntou enquanto secava suas mãos com seu inconfundível sorriso de boas-vindas. - Kelso já está chegando.

- Deixe-me adivinhar, ele está ainda trabalhando em seu novo baralho.

Irene rolou seus olhos.

- Você acertou. O homem nunca descansa. Até quando está ameaçando nevar novamente ele está lá fora empurrando e tentando fazer consertos. Homem louco. Irene piscou para Mary.

- Isto é o que eu consigo por deixar meus hormônios decidirem, Mary. Eu consigo um grande policial teimoso.

Oh, sim. Ela podia ouvir a voz fina da psicóloga Amanda Prather que fala sem parar em sua cabeça sobre química sexual.

- Eu arrastarei seu traseiro até aqui. Dace dirigiu-se ao balcão da cozinha. - Mas primeiro aqui estão as flores que trouxe para você, e aqui está o vinho que eu prometi.

Irene veio até o centro da cozinha e lhe deu um grande abraço. Delicada, ela teve que ficar na ponta dos pés para alcançá-lo.

- Obrigado. Eu aprecio isto. Eu não lhe pedi vinho, entretanto.

- Kelso disse que ele nunca recusaria um bom vinho quando eu insisti em trazer algo.

Irene riu.

- Eu acredito. Mary estava indo abrir uma garrafa de Chianti para tomar com a lasanha, a ajude enquanto eu irei atrás do meu marido antes que ele consiga uma ulcera.

Quando Dace tirou sua jaqueta, Mary achou sua voz e seus modos.

- Aqui, deixe-me guardá-la.

Ele lhe deu a jaqueta, aquele sorriso gentil de novo em seu rosto. Ela viu mais dele em dois dias que ela tinha visto nos últimos seis meses. Não que ela notasse muito.

A jaqueta de couro preto pareceu flexível e morna com o calor de seu corpo, e segurou seu odor especial e masculino. Ela inalou profundamente.

- Esta jaqueta é grande. Onde você a conseguiu?

- Do Gibson.

Ela dirigiu-se ao armário de casaco próximo à porta da frente, acariciando o couro com verdadeira avaliação.

Então ela viu o bordado atrás.

- SWAT.

- Tyler Gibson insistiu em fazer esta para mim depois daquele incidente no último mês.

- Quando você entrou naquele assalto a mão armada?

- Sim.

Mary se lembrou muito bem como seu coração tinha subido em sua garganta quando ela tinha ouvido que ele tinha entrado em uma situação perigosa sem auxílio, uma arma, ou colete. Ele estava de folga e entrou na loja sem qualquer idéia que um sem teto tinha se apropriado da loja. Quando o homem começou a atirar, Dace conseguiu agarrá-lo e prendê-lo sem ferir ninguém na loja, inclusive o sem teto.

Ela deslizou a jaqueta em cima do cabide e fechou o armário. Quando ela voltou para a mesa ele a seguiu.

- Algo errado?

- Eu só me perguntei qual era a história por trás da jaqueta. Eu só nunca o vi vesti-la.

- Eu não a uso muito porque eu não quero ostentá-la na frente dos outros membros da SWAT. Existe uma política no departamento contra aceitar presentes.

Ela movimentou a cabeça.

- Eu sei.

Ele plantou as mãos em seus quadris, chamando atenção para a blusa vermelha de gola alta que moldava seu tórax duro. Ele encolheu de ombros.

- Desde que eu já tinha comprado a jaqueta antes, o xerife não viu um problema com o fato do Gibson colocar 'SWAT' na jaqueta.

Consciente de que ele poderia interpretá-la mal, ela disse:

- Eu nunca pensei que você faria qualquer coisa ilegal.

Alívio encheu seu rosto.

- Uma das últimas coisas no mundo que eu quero... Ele agitou sua cabeça.

- O que?

- Que você pense que eu sou um policial corrupto.

Sua declaração a pegou desprevenida, e ela falou sem pensar.

- Eu sei que você não é um policial corrupto, Dace.

Ele se preparou para abrir a garrafa de Chianti.

- Bom.

Ela deslizou a taça de vinho em direção a ele.

- Eu nunca pensaria em você desta maneira, Dace.

Ela de todas as pessoas devia conhecer.

O saca-rolha parou. Seus olhos esquentaram.

- Obrigado.

Um silêncio agradável deslizou entre eles quando ele despejou duas taças de vinho. Quando eles pegaram duas cenouras cortadas em palito e beberam vinho, ela o fitou secretamente.

– Certo, eles estão demorando. Eu me pergunto o que eles estão fazendo lá fora.

- Conspirando, ele disse depois que engoliu uma mordida da cenoura.

- Conspirando sobre o quê?

Antes que ele pudesse responder, Irene e Kelso entraram. Por instinto Mary se afastou dois passos longe de Dace e então se dirigiu à garrafa de vinho para encher mais duas taças. Irene e Kelso lançaram olhares de lado um ao outro, com uma expressão que encheu Mary de embaraço. Deus, ela era tão transparente? Dace era?

Eles se dirigiram à sala de jantar e quando Dace se sentou ao seu lado, Mary se sentia como uma adolescente em seu primeiro encontro. Mas logo os dois começaram a conversar sobre futebol, e quando Irene começou a falar sobre o seu novo projeto de álbum de recortes que ela tinha começado esta semana, Mary começou a relaxar.

- Dace, quando você disse que você estaria retornando a Denver? Kelso perguntou quando ele terminou rapidamente um último pedaço de cheesecake.

Ele se debruçou atrás de sua cadeira e cruzou suas mãos atrás de sua cabeça.

- Na Ação de graças.

Irene levantou suas sobrancelhas.

– Sua *família inteira* estará lá?

- Sim. Todos eles, Dace disse em um tom que fez Mary perguntar.

- Você tem uma grande família? Mary perguntou.

Dace sorriu e raspou suas mãos contra a extremidade da mesa.

- Eu sou o mais velho de seis irmãos.

- Uau, Mary disse, em temor.

- Todos seus irmãos são tão altos quanto você? Irene sorriu expansivamente.

– Quanto você mede exatamente de qualquer modo, dois metros?

Todo mundo riu.

Dace sorriu.

- Meu irmão Douglas tem dois metros. O resto de nós está ao redor de dois e dois metros e dez.

Mary olhou para o relógio.

- Oh, cara, eu não acredito que já é tão tarde. E eu tenho tanto para fazer amanhã. Seria melhor que eu fosse embora.

Dace levantou de sua cadeira.

- Eu, também.

Depois de agradecer Kelso e Irene pelo jantar delicioso, eles pegaram seus casacos e saíram. Eles se dirigiram para onde tinham estacionado os carros, suas respirações esbaforidas pelo frio gélido.

Dace parou próximo ao seu carro.

- Você estará livre amanhã à noite?

- Sim. Por quê?

- Venha a minha casa. Eu tenho algo para lhe mostrar.

Ela levantou uma sobrancelha.

- Suas gravuras?

Sua voz estava baixa e rouca.

- Isto, também.

Seu coração se acelerou.

- Dace...

- Eu sei. Você não quer ter qualquer coisa a ver com um policial da SWAT. Eu entendi isto. Eu só lhe disse para aparecer por lá. Não pense nisto como um encontro. Pense nisto como amizade, certo? Quando ela hesitou, ele continuou. - Eles lhe disseram que eu estaria aqui hoje à noite?

- Bem, não. Mas você é um bom amigo do Kelso, e eu sou íntima da Irene.

- Uh-huh. Você notou que eles começaram a nos convidar para muitos eventos onde estamos só você e eu?

- O que você está tentando dizer?

- Eles são casamenteiros.

- Você está brincando.

- Não.

Ela fez um som de descrença.

- O que faria o faz pensar desta maneira?

A princípio ele não disse nada, então ele se debruçou mais próximo. Ele abaixou sua voz.

- Porque Kelso encheu meu saco ontem dizendo que eu tenho que continuar com minha vida. Ele também me disse que ele viu o modo como eu olho você.

Por uma metade minuto, ele a avaliou completamente, tão íntimo que Mary pensou que ela iria entrar em combustão. Não só pela sua proximidade que a deixava louca, mas pelo que ele tinha dito. A esperança chamejou em seu peito, então a ignorou. *Você está louca, Mary? Você não faz, eu repito, não queira conhecê-lo melhor, saia com ele, fique amarrada por ele. Nada disto. Esta é a direção de sofrimento e aflição.*

Aflicção séria, séria.

- Eu decidi que eu preciso continuar com minha vida, ele disse.
- Eu também decidi que seis meses era um maldito tempo para caminhar ao redor duro por você em segredo.

Ela bocejou em surpresa. Seu rosto esvaziado.

- Você... Eu... Não.

- Sim. Com intensidade que queimava sem chamas que a derreteu em suas botas, Dace se debruçou com uma mão no carro se aproximando mais.

- Desde que eu comecei a trabalhar no departamento do xerife eu tenho feito meu melhor em fingir que eu não estou atraído por você, e isto não está funcionando. Quando eu a levei do bar eu fui um covarde. Eu não conseguia dizer o que eu sentia. Que eu estou tão atraído por você que eu não quero que você deixe a cidade. Eu tenho lutado com isto durante seis meses.

Desconcertada, ela não conseguia dizer nada por entre seus lábios paralisados. Ele poderia ter lhe dado um tiro que ela não poderia se mover e ao mesmo tempo, ela quis lhe chutar a canela.

Ele lutou durante seis meses para evitar sentir-se atraído por ela? *Santa, santa merda.* Ela não imaginou a conexão incrível entre eles. Algo quente e fundo aconteceu entre eles, crescendo até que ela sentia isto em sua pele, em seus seios quando eles se endureceram. Sua respiração se acelerou, e uma sensação suave rodou abaixo por sua barriga. O que ele disse - o que ele admitiu - sacudiu todo interruptor feminino que o psicólogo da televisão tinha mencionado. Ele era a definição de tudo que ela amava e odiava em um homem. Ele tinha integridade, fibra moral, uma grande moral de trabalho, uma aura sexual que remexeu seu desejo feminino sem que ele a tocasse. Ele era forte, e - enfrente isto - malditamente sensual. Ele era teimoso, tinha opinião, e ele a deixava louca.

Ele se debruçou mais íntimo, sua cabeça balançando ligeiramente para o lado. Seu olhar ficou sonolento. Morno e especulativo. Ela soube o que ele estava procurando. E, Deus a ajudasse, ela soube o que *ela* procurava.

A neurose e psicólogos de televisão eram malditos.

Lentamente ele deslizou seu braço ao redor de sua cintura.

Oh, ele cheirava tão bem, e quando seu corpo apertou contra o seu, seu pulso se acelerou contra suas veias, e sua respiração ficou presa.

- Foda-se. Sua voz segurou um tom fundo, rouco que aumentou sua excitação.

- Veja-me amanhã de noite como amigo. Mas não pense em mim só como um amigo agora.

Ele se debruçou e sua boca se fechou deliciosamente em cima da sua. Seus dedos mergulharam em seu cabelo e a posicionaram para melhor devorá-la. Ela agarrou o colarinho de sua jaqueta meio aberta e se segurou como se agarrasse por sua vida. Seu beijo drogado com uma combinação de ternura e fome. Num minuto ela respondeu ao seu gentil saboreando, então sua língua imergiu e mergulhou. Mary gemeu quando seu beijo a fez sentir coisas que ela nunca tinha sentido antes. Ela apertou mais íntimo, ávida para sentir toda linha dura de seu corpo, experimentar com todos seus sentidos sua força inflexível. Sua língua a acariciava, saboreando em um ritmo tão carnal que estimulação espiralava em seu estômago. Ela soltou um suave gemido e respondeu com tudo que ela tinha, retornando a carícia com seus lábios e língua.

- Deus. Ele se afastou seus braços a soltando, seus olhos estavam vítreos com paixão. - Isso foi surpreendente.

Sua cabeça parecia flutuar, seu pulso martelava seu coração batendo rápido em seu tórax. Ela doía com desejo.

- Foi.

- Está gelando aqui fora, mas eu não consigo sentir. Diga-me que você irá amanhã à noite, certo? Estritamente amigos, eu prometo.

- Promessa de escoteiro?

Ele lhe deu um sorriso.

- Eu nunca fui um escoteiro.

- Huh. Isso é surpreendente. Eu quero dizer, com a habilidade de fazer fogo, atirar com armas de fogo, caçar.

Ele riu.

- Maldição, quando você abre sua boca você gosta de tirar sarro.

- Não era esta a idéia? Ela perguntou ainda aturdida por aquele beijo.

Antes de ela poder se afastar, ele a arrastou em seus braços novamente.

- O que você está fazendo?

Ele pareceu feroz e terno.

- Tentando conseguir mais um beijo antes que eu me torne só seu amigo.

E então ela perdeu toda habilidade de pensar nele como só um amigo. Ela lançou seus braços ao redor seu pescoço e mergulhou em seu abraço sem pensar. Parecia certo quando seus lábios se tocaram e saborearam sua língua duelando com a sua. Não, um amigo não beijava

assim. Um amigo não permitia que o outro deslizesse a mão até o seu traseiro e desse um apertão gentil. Ela ziguezagueou contra seus quadris, e ele gemeu em sua boca.

Ele recuou e ofegou.

- Chega. Deixe-me ir antes que eu implore que você vá para minha casa comigo hoje à noite.

Seus olhos se arregalaram, e ela sorriu.

- Deixar você ir? Você está com suas patas grudadas em meu traseiro.

A boca de Dace se curvou nos cantos, uma provocação cintilou em seus olhos. Seus dedos comprimiram sua carne novamente e a excitação em seu estômago triplicou.

- Sim, eu estou não é? Então agora você sabe Mary. Eu não estava brincando sobre ficar duro.

Ela fez uma careta em falsa indignação.

- Dace Banovic, foi assim que você conseguiu entrar na SWAT?

Ele pareceu escandalizado.

- Inferno, não. Eu consegui porque eu passei no teste físico com os dois últimos ciclos da fila. Eu posso tirar quaisquer dos outros sujeitos do time.

Ele conseguiu se afastar. Ela cometeu o engano de olhar abaixo e ver a tão longa, coluna dura de carne que apertou contra sua calça jeans. O olhar divertido desapareceu, deixando nada além do desejo aquecido, inegável de um homem para uma mulher.

- Venha a minha casa amanhã à noite ao invés, ela disse.

- Eu estarei em terreno seguro lá.

- Terreno seguro?

Ela pegou uma respiração funda.

- Só me agrade, certo?

Ele rolou os olhos para o céu.

- Certo. Primeiro sua casa. Então você está vindo para minha casa depois desta noite.

Ela riu.

- Você está assumindo que nós queremos ver um ao outro depois de amanhã à noite.

- Eu sei que nós iremos.

Ela manteve seu sorriso.

- Certo. Seis horas em minha casa. Eu não tenho quaisquer gravuras, a propósito.

- Eu estarei lá.

Depois que ela subiu em seu carro e foi embora, ela percebeu que ar frio não a tinha congelado. Seu corpo sentia como se pudesse entrar em combustão se tivesse chance. Ela estava em dificuldade, com nenhuma esperança de fingir que ela não o queria.

Mary tomou uma funda e estremecedora respiração e agarrou firmemente o volante. Ela poderia correr dele, dizer que ela não podia ser seu amigo sem querê-lo fisicamente. Ela podia admitir para aquilo não importou porque ela lhe mostrou sem dúvida que ela não podia ignorar a atração.

Talvez, só talvez, ela poderia arranhar a coceira que borbulhou entre eles por seis meses.

Talvez, amanhã à noite, ela poderia seduzi-lo e ver se uma noite de sexo saciaria suas necessidades.

Um tremor selvagem, inesperado lançou por seu corpo. *Oh, sim.* Ela podia fazer isto. Sexo com Dace “Hard Man” Banovic por uma noite. Um pulsar - batendo, coração - agitando, cama-chocalho experiência. Inferno, ela soube que seria assim com ele. Ela sentia isto em seus ossos.

Mary não precisou estar segura com ele.

Ela podia amá-lo e o deixar e então nunca se preocupar sobre Dace novamente.

Capítulo Três

Mary estava nervosa como o inferno.

Ela levantou-se de seu confortável sofá de chenile azul, seu coração acelerado de maneira irregular e seus nervos estavam tensos. Pela quinta vez ela foi até seu banheiro e ficou na frente do espelho. Seu cabelo de alguma maneira não pareceu certo, mas ela seria maldita se ela tentasse arrumá-lo novamente.

Quando foi a última vez que ela gastou muito tempo se enfeitando para um homem? Ela se sentiu louca e obcecada.

Ela luziu a sua imagem. Seus olhos marrons estavam ligeiramente arregalados, como se ela estivesse chocada com algo. Seus lábios estavam pintados, sua maquiagem mineral cobria o tom desigual de sua pele. Seus cabelos com comprimento ao redor dos ombros não tinha melhorado muito depois que os tivesse lavado. Maldição, mas ela estava permitindo que sua atração por Dace ditasse muito do que ela fazia. Mary voltou para a sala de estar e colocou um CD de jazz que era casual e não muito sensual. O café estava pronto no caso dele querer, ele sempre queria no escritório. O jantar era fácil-ela tinha preparado fajitas borbulhantes em fogo lento.

Ela podia comer depois se Dace aparecesse ou não.

Ele virá. Não seja tola.

Sim, ela estava ansiosa. Apesar de todos os esforços para permanecer desinteressada, fingir que esta situação seria casual e descomplicada, ela certamente como inferno *parecia* complicada. Ela foi até sua caixa de jóias e substituiu a prata esterlina casual trindade laço em sua mão direita por um anel de citrino que ela amava. Nunca falhou em erguer seu humor. Ela vestia uma blusa azul de gola alta, e saia justa que ia até o meio de suas pernas. Ela gostava e o estilo secretária sempre chamou a atenção de Dace. Sempre que, onde quer que ele a visse, ela sempre sentiu sua atenção como um quente e demorado toque em cima de sua pele. Tremendo em antecipação, ela respirou fundo e tentou se acalmar.

Ela se sentiu como uma adolescente esperando por seu primeiro encontro.

Que patético Mary. Se controle. Maturidade, mulher. Maturidade.

Ela estava incomodada quando ela retornou a sala de estar e esperou por Dace. Ele ligou as cinco e quarenta e cinco para dizer que ele só iria até em casa tomar banho e se barbear. O trabalho o prendeu mais

tempo que o esperado. Agora seria perto das seis e quinze em lugar das seis que eles tinham combinado. Ela sabia que este tipo de coisa podia acontecer com policiais. Sim, ela conhecia sua situação, sua ocupação, quase tanto quanto ele.

Papai certamente sabia.

Resignada, ela sentou-se em uma cadeira aquecida no canto, próxima à lareira e ligou a luminária perto. Ela pegou uma revista de arte que ela tentou ler três vezes na semana passada. Por que ela tinha toda esta energia inquieta, este desejo perpétuo para mover? Ela nunca tinha sido hiperativa deste modo antes de se mudar para Gold Rush e trabalhar no escritório do xerife.

Dez minutos depois, quando a campainha tocou e ela levantou surpresa. Ela lançou a revista na banquetta e quase saltou até a porta quando excitação estalou por ela como champanhe em seu estômago.

Ela verificou pelo visor e viu Dace em sua calçada, seu olhar plantado no visor a olhando fixamente de volta. Ela sorriu e destrancou a porta. Quando esta abriu, ele sorriu amplamente.

Ela gesticulou para ele entrar.

– Você foi rápido. Entre.

Seu olhar completo não perdeu nada quando ele entrou no apartamento. Culpa de sua mentalidade policial.

- Eh, eu sinto muito pelo atraso.

- Cem chicotadas para você. Tarde ruim?

- Não. Só atarefada.

Ela fechou a porta e então ele fez uma coisa que ela não esperava. Sua atenção em seu corpo com admiração óbvia, e ele se aproximou.

- Deus, você está bonita.

Ela administrou uma resposta estrangulada, seu elogio morno a pegando fora de guarda.

- Obrigada.

Seu choque não estava completo, entretanto, até que ele se debruçou e a beijou. Ele não a tocou em qualquer outro lugar, mas ele também poderia ter tocado. Um deslizar em cima de sua boca enviado espigas de excitação arremessando em todos os lugares. Quase como se ele corresse suas mãos por toda parte seu corpo. Ele se afastou antes dela corresponder.

Ela corou.

- Um, você... Eu poderia tomar seu casaco?

Ela pegou sua jaqueta de couro e a pendurou no armário de corredor. Quando ela voltou, ele estava próximo da lareira vendo as

poucas fotografias de sua família. Hoje à noite ele vestiu um suéter cinzento e calça jeans estilo pescador que moldaram seu corpo, a nova calça jeans moldava seu corpo atrativamente, mas não muito firmemente. Tênis cobriam seus pés. Ele colocou a mão nos seus bolsos e se voltou.

- Você tem algumas fotografias antigas aqui.

Ela tocou a antiga armação de estanho que protegeu uma fotografia sépia de um policial. - Meu bisavô. Foi tirada em Chicago nos anos vinte. Esta fotografia mais velha é de meu avô no departamento de polícia de Chicago nos anos cinqüenta.

- Então esta é uma profissão familiar?

- Com exceção de mim. Papai sempre quis que um de nós nos tornasse policiais desde que ele não teve filhos para seguir a tradição.

Ele apoiou um cotovelo no revestimento de madeira escura.

- Sua irmã não quis isto também?

A tristeza a dominou e a mordeu com força inesperada.

- Oh, minha irmã Teresa não queria. Mas ela se tornou uma, assim mesmo.

Suas sobrancelhas se franziram questionadoras, mas ela não quis começar a sua visita em uma nota tão pesada. Ela se moveu em direção à cozinha.

- O jantar está pronto.

Ele não lhe pediu para terminar a história de sua irmã enquanto eles se distraíam com as fajitas, e aquilo lhe caiu bem. Ela não queria remexer aquelas memórias. Certamente, elas permaneciam ocultas em sua mente, e vinham à tona em dias particulares.

Eles caminharam até a mesa de jantar seu orgulho e alegria, uma mesa redonda e cadeiras antigas herdada de seus pais. Ela a tinha coberto com uma toalha de renda crua.

- Eu procuro por uma mesa como esta Dace disse quando eles se sentaram um em frente ao outro.

- Você está brincando?

- Não. Ele balançou sua cabeça ligeiramente.

- Não era algo que você esperava que eu dissesse?

- Inferno, não.

Eles riram.

Ela empurrou seu cabelo atrás de das orelhas.

- Eu sempre o imaginei com uma mesa de jogo. Não, uma mesa de jogo com uma toalha de mesa amarela estendida em cima. Com uma caixa de donuts em cima.

- Eu não como donuts. Sua resposta cortante a sobressaltou ligeiramente. Ela pegou a diversão sardônica em seu olhar.

- Eu nunca pensei que você era de fazer estereótipos, Mary.

A vergonha estendeu em cima de seu rosto em uma onda de calor. Ela suspirou.

- Deus, eu sinto muito. Eu normalmente não sou...

- Colocar pessoas em caixas para ajustar um molde particular?

Ela agitou sua cabeça com veemência.

- Não. Eu nunca faço. Mas eu acabei de fazer com você, não é? Sua voz moveu como um gemido, som de um afogar. - Eu não sei o que eu estava pensando.

- Talvez você não saiba por que você está acostumada a isto.

- Acostumada a quê?

- Defendendo você mesmo contra nada e tudo.

Atordoada pela precisão de sua declaração, ela não conseguiu falar.

Os olhos de Dace faiscaram com diversão quando ele tomou um gole da sangria sem álcool.

- Eu suponho isto que esta não é uma coisa viril que um sujeito possa dizer, é? Eu quero dizer, sobre uma mesa antiga de jantar.

Ela ridicularizou.

- Você é o sujeito mais másculo que eu já encontrei. Qualquer mulher que pensar o contrário deve ser maluca. Metade das mulheres no Departamento do Xerife está apaixonada por você.

Ele arregalou um pouco os olhos e quando ela percebeu o que ela tinha dito, ela mordeu seu lábio inferior. *Nesse ritmo ela vai pensar realmente que o queijo deslizou fora de minha bolacha.*

Ele levantou sua fajita e mordeu. Esperar por sua resposta enquanto ele mastigava quase a matou. O tempo todo, aqueles olhos extasiados, com aquelas pestanas espessas, faiscou no seu em prazer puro. O homem teve a audácia de parecer sensual até enquanto comia da comida mais malfeita do mundo. Ele limpou sua boca em um guardanapo de pano.

- Eu estou lisonjeado ainda que eu não acredite nisto.

- Vamos, Dace. Você não pode me dizer que uma mulher nunca lhe falou o quanto você é bonito antes.

Por uns segundos seus olhos ficaram nublados.

- Outra mulher fez. E eu acho que eu devia estar agradecido por não ter sido minha mãe.

Ela terminou de mastigar sua fajita antes de falar.

- Mulheres, que permanecerão sem nome, me perguntaram onde você conseguiu o "Hard Man" de seu nome.

Uma expressão má aqueceu seus olhos.

- Eu disse a você outro dia. É porque eu terminei em tempo meu teste de aptidão física.

- Eu sei disto, mas estas mulheres estão todas se perguntando que... Você sabe...

Maldição, Mary. Controle-se, menina.

- Você sentiu o que te beijar fez a mim, Mary. Isso foi *duro* suficiente para você?

Sua declaração, crua com vibração rouca, fogo adicionou fogo em seu corpo.

- Eu sinto muito. Ele bebeu de sua sangria novamente. - Eu a envergonhei.

- Não. Sim. Seu rosto estava aquecido.

- Mas ontem à noite foi grande.

Vamos, Mary. Reprima isto.

Antes dela poder falar novamente, ele a interrompeu.

- Era grande. Eu quero mais disto.

Oh, inferno. Só admita isto.

- Eu, também.

Eles comeram em silêncio antes de caminhar até a cozinha para fazer outra fajita.

- Me fale mais sobre sua família, ele disse.

Oh, não. Ela não queria lhe dizer. Mas como ela podia recusar sem soar rude? Ela não podia.

Ele a incitou.

- Me mostre sua família estranha e eu lhe mostrarei a minha.

A surpresa a fez apertar a sua espátula em sua fajita sobre sua tortilla mais rápido que ela poderia ter pensado.

- Você não cresceu em uma família estranha, não é?

Ele apertou a concha quando ela se virou para ele.

- Depende de sua definição, eu acho. Meus pais estavam divorciados quando eu tinha só três anos, e minha mãe nunca casou novamente. Eu fiquei com meu pai um fim de semana sim e outro não e alguns feriados, e eu amo minha madrasta, Maggie. Ela é perfeita para o papai.

Ele colocou a frigideira novamente em fogo lento e passou no queijo, guacamole, e nata azeda.

- Minha mãe é um pouco ciumenta sobre Maggie, eu acho. Todos nós nos reunimos para Ação de graças e Natal quando podemos. No ano passado eu tive que trabalhar em ambos os feriados, então eu estou

esperando ansiosamente pela ação de graças com todos eles este ano. O que você faz na Ação de graças?

A solidão a inundou.

- Eu passo ação de graças sozinha.

Mary se afastou antes dele poder comentar, e voltou para a mesa com seu prato.

Ele retornou alguns momentos mais tarde e se sentou seu olhar preocupado.

- Eu sinto uma história atrás disto. Você prefere estar só nos feriados?

- Eu ficarei sozinha só na Ação de graças. Sua garganta se apertou, e ela tomou um gole de Sangria.

- No natal eu normalmente vou para casa de amigos, mas Ação de graças é uma festa mais íntima.

Seus olhos se estreitaram.

- Você se importa se eu perguntar o por quê?

Se ela quisesse ter qualquer tipo de relação com ele teria que lhe falar algo eventualmente.

- Meu pai foi morto no dia de Ação de graças.

A sobancelha do Dace se enrugou.

- Oh, merda. Eu sinto muito. Eu não soube esta parte. Então Ação de graças é um tempo difícil.

- Não é difícil para mim.

Sua atenção se fixou nitidamente nela.

- Oh?

De repente o resto de sua fajita não tinha gosto tão bom.

- Eu não falei sobre isto em muito tempo. Vamos terminar de comer e então se sentar no sofá. Eu lhe direi tudo sobre isto então.

Ela soube que estava protelando, mas também entendeu que Dace não suportaria evasão para sempre. Um mais duro refletiu em seus olhos, como se ele não só não entendesse sua frieza com seu pai, mas desaprovasse.

Depois que eles retiraram os pratos e colocaram as sobras na geladeira, eles foram para o sofá. Ela manteve um copo gelado de sangria apertado entre suas mãos. Ela olhou fixamente nas profundidades vermelhas como se fosse uma bola de cristal com todas as respostas antes de colocar a bebida em um porta-copo em cima da mesa.

Dace se sentou próximo, espreguiçado como um cavaleiro. Suas mãos apertadas em cima de seu estômago, suas pernas separadas de modo tipicamente masculino.

Seu olhar posou sobre toda aquela carne magnífica, e o que ela planejou dizer estalou diretamente de sua cabeça.

- Então seu pai era um policial, seu avô, e seu bisavô. Isto é um grande recorde.

- Papai ficou vinte anos na força até ele morrer. Eu tinha dezoito anos. Eu passei minha vida inteira irritada com ele. É por isso que eu não conseguia me sentir triste com sua morte.

Nada como derramando isso tudo fora de uma vez em uma confusão incoerente.

- Eu sei que soa frio. Ela quase agarrou sua sangria, quase desejou que tivesse álcool.

- Existe muito da história de minha família que você não sabe.

- Me conte. Sua voz era gentil, compreensiva. Mais compassiva do que ela esperava.

Os olhos de Dace mostravam um interesse sincero, urgente de ouvi-la.

- Papai não era o melhor pai e marido do mundo. De fato, ele tinha uma quantidade enorme de culpas.

- Como?

- Ele não sabia como relaxar quando deixou de trabalhar. Ele era às vezes cruel com suas piadas. Eu nunca o ouvi dizer... Que ele me amou.

Ela não podia terminar a aspereza de reconhecer o corte profundo do passado era muito.

Dace agarrou sua mão direita, deixando sua carne em um aperto morno, encorajador.

Ele não persuadiu que ela falasse novamente, mas ele não precisou. Ela achou que se tinha começado, então iria terminar.

- Papai era deste modo com mamãe, Teresa e eu. Teresa era dois anos mais velha que eu. Nós duas tentamos entendê-lo. Nós entramos em rivalidades algumas vezes. Mamãe não tentou parar a competição. Depois de que minha mãe morreu em um acidente de carro, papai piorou. Ele ficou mais frio. Mais duro. Quanto mais duro ele se tornou mais Teresa tentou compreendê-lo. Ela se formou em direito criminal e se tornou uma policial. Naquela época eu só tinha começado a academia e estava estudando arte. Papai odiava isto. Dizia que não era prático e que eu passaria fome. Ele estava certo sobre a parte de passar fome, e eu descobri que eu não era uma artista muito boa, também.

Dace sorriu um pouco, sua boca bonito insultuosa em um sorriso próprio.

- Soa como um inferno de uma família dinâmica.

- Isto é verdade. Teresa decidiu que eu nunca daria orgulho ao meu pai, então ela empreendeu o fardo inteiro. Eu penso que existia uma parte sua que queria que eu falhasse. Ela era mais parecida com papai do que qualquer outra pessoa. Ele nunca se recuperou da morte de minha mãe. Ele trabalhou horas mais longas, e quando Teresa foi contratada pelo departamento de polícia, ele mudou sua opinião machista sobre policiais femininas. Ele colocou todo seu orgulho nela.

Dace apertou sua mão suavemente, então a levou até seus lábios.

- Vejamos se eu posso ver como isto terminou. Ele beijou seus dedos, e como resultado borboletas voaram em sua barriga.

- Papai decidiu que Teresa tinha substituído o filho que ele nunca tinha tido. Ele prestou mais atenção nela do que em você. Ela apreciou isto. Ele investiu toda sua energia paternal nela.

- Exatamente.

Ele abaixou sua mão e a apertou em sua coxa a deixando lá. Músculo duro se moveu debaixo de seus dedos.

- Existe mais?

- Muito mais. Você está certo de que quer ouvir?

Ele soltou sua mão pelo tempo suficiente para coçar seu nariz.

- Absolutamente.

Agora ela agarrou sua mão, colocando seus dedos pequenos em cima dos seus muito maiores. Ela precisava de seu calor, seu suporte para continuar sua história.

- Teresa... Ela...

Ele afagou seu cabelo.

- Devagar, amada.

Seus dedos apertaram os seus.

- Teresa cometeu um grande, grande engano em um dia de patrulha em Chicago. Por causa disto, seu companheiro foi ferido e ela foi morta.

Dace fez careta, seus lábios se separando e seus olhos se enchendo com condolência.

- Ninguém me disse esta parte. Eu pensei que era só seu pai.

- Teresa morreu alguns meses antes de papai.

O silêncio os tragou quando ela olhou fixamente para o chão de taco. Dace a apertou mais próxima, seu braço deslizando ao redor de seus ombros para trazê-la para seu lado. Seu calor acalmou a dor que as lembranças ativaram novamente. Ela deitou sua cabeça em seu ombro, e seu braço apertou.

- Existe mais. Teresa e eu não sabíamos disso, mas meu pai começou a jogar antes dela ser morta. Ele entrou em uma dívida pesada.

- Droga.

- Exatamente. Ele achou dificuldade com alguns agenciadores de apostas, e ele aceitou subornos e, bem, eu penso que você sabe o resto.

Ele suspirou.

- Sim, eu sei.

Ela não precisou lhe dizer. Ou talvez ela precisasse. Talvez parte de seu problema era que ela nunca tinha explicado, se recusou a dizer qualquer coisa.

- Depois que a corregedoria conseguiu pegá-lo, papai foi para casa um dia e... Como ela diria isto alto? Como?

- Ele foi para casa, se trancou em seu carro e o ligou com a garagem fechada. Isto devia tê-lo matado.

- Ele era um homem duro.

- Não da maneira certa. Ele deu tantos passos errados, Dace. Tantos malditos passos errados. Quando seus amigos se perguntaram o porquê dele não ter aparecido para trabalhar, eles acharam o carro na garagem e o socorreram. Ele tinha causado muito dano cerebral. Duas semanas mais tarde eu deixei os médicos desligarem os aparelhos. Eu sabia que ele estava em paz então.

- E da mesma maneira, você também.

Poderia ter soado duro para alguns, mas ela reconheceu a verdade em suas palavras.

- Eu perdi minha irmã e meu pai em menos de um ano.

- Eu sinto tanto, Mary. Eu não posso imaginar como você se sente. Ele sorriu pesarosamente.

- A quem eu estou enganando? Eu posso imaginar, e isto machuca como o inferno.

Ela sentiu umidade em suas bochechas e enxugou as lágrimas. Quando ela olhou para Dace, ela viu suporte e compreensão quando ela sentia medo do que ele poderia pensar.

Sua aceitação fiseu um bálsamo curativo em seu coração. Por outro brilho de lágrimas, ela tentou respirar fundo. Ele beijou sua fronte, seu nariz, com um toque minúsculo de afeto.

Como ela podia negar sua perspicácia quando reavivou sua própria?

- Você está certo. Às vezes ainda machuca como o inferno.

- De alguma maneira você ainda está tentando escapar do legado de seu pai, não é?

Ela recuou um pouco.

- O que?

- Você quer esquecer o que aconteceu com sua família.

- Claro.

- Isso explica por que você tem me evitado por seis meses.

Perplexa, ela olhou fixamente para ele como se ele tivesse perdido a cabeça.

- Eu não entendo.

Sua palma se estendeu em cima da sua atrás até roçar de cima até embaixo.

- Você não quer se envolver comigo porque eu sou um policial. Mas existe uma parte de você que secretamente quer isto. Você não estaria trabalhando com tiras se você não gostasse deles de algum modo. Você está confusa.

Ele literalmente tinha batido o prego em sua cabeça, e ela não gostou disto. Talvez ela não devesse ter feito isto... Não devia tê-lo convidado em sua casa para arrancar seus segredos. Afinal, eram segredos por uma razão.

Ela saiu do seu abraço e se levantou. Mary esquadrinhou seu apartamento confortável, com toques de Chicago, de sua vida antiga na grande cidade.

- Eu vim para Gold Rush porque eu quis fugir de Chicago.

Dace se levantou e permaneceu ao seu lado, imóvel e calado. Seus olhos queimavam com curiosidade, esperança e atração de um chiar que nunca pareceu diminuir.

- Obrigado por escutar. Ela impulsivamente alcançado até puxar seu rosto e beijá-lo na bochecha.

- Mas eu logo estarei deixando Gold Rush. Eu preciso de um novo começo.

- Se você quisesse mudar de trabalho, você poderia. Se você quisesse fazer coisas novas em sua vida, você poderia. Mas existe mais que isto. Se você não estivesse atraída por mim e eu não estivesse atraído por você, eu poderia entender. Ele deslizou seus braços ao redor de sua cintura e a trouxe em seu corpo.

- Se nós não sentíssemos esta coisa selvagem entre nós eu lhe diria boa sorte e acharia outro trabalho em outra cidade. Mas você está tentando ir embora novamente, e eu não quero que você vá.

Mary aplainou suas mãos contra seu tórax, tentando se afastar.

- Por que você quer que eu fique?

Sua voz abaixou, ficou rouca com emoção, seus olhos tinham um propósito.

- Eu lhe mostrarei por que.

As mãos do Dace se enfiaram em seu cabelo. Ele levantou seu rosto e a beijou.

Oh, meu. Feroz, faminto, seu beijo era exigente. Sua língua mergulhou fundo, quente a procurando. Ela se sentiu devorada, almejada de um modo primitivo que foi além da excitação que ela tinha experimentado com outros homens. Seus seios apertaram, seus mamilos formigaram. Quisesse ela ou não ele a enlouquecia.

Quando ele recuou, ansiedade queimava em seus olhos.

- Me diga que você não me quer Mary.

- Eu não quero querer você.

Ele sorriu lentamente.

- Mas você quer.

- Eu quero.

Ela circulou sua cintura com seus braços. Seu sorriso enfraquecendo, ela precisava de outro beijo. Com autoconfiança que ela não tinha antes, ela retornou procurando seu beijo apaixonado. Ela respondeu quando sua língua tocou a sua, expressando o desejo que ela tinha ocultado por muito tempo. Ele festejou, seu toque viajando para baixo até que ela sentiu o peso de sua mão sobre seu seio. Um gemido escapou de sua garganta quando seu dedão do pé apertou em resposta, a excitação exigia mais dela.

O telefone celular do Dace tocou. Ele se afastou e soltou Mary de seu abraço. Maldição. O feitiço estava quebrado. Dace soltou Mary e agarrou o telefone celular em seu cinto, se afastando para atender.

- Maldição. Realmente? Dace disse no telefone. - Certo. Eu estarei aí mesmo. Depois que ele desligou, ele se voltou para ela. - Kelso acabou de chamar. Dois dos sujeitos estão com virose, e existe um chamado para SWAT de um edifício de apartamentos.

A decepção a fez suspirar. Ela planejava seduzi-lo em pouco tempo, então ele a tinha desviado fazendo com que ela revelasse uma história triste de família. Ela caminhou em sua direção e colocou a mão em seu antebraço.

- Esta cidade está aos cães ultimamente ou o que?

- Esta semana está. Ele retornou seu sorriso.

- Eu sinto muito.

- O que você pode fazer?

Ele se debruçou e a saboreou completamente. Seu beijo segurou calor e promessas.

- Eu gostaria de retribuir. Que tal amanhã à noite às seis? Minha casa desta vez?

Parte sua queria dizer não, porque ela se lembrava como tinha sido para sua mãe quando seu pai tinha tanto a perder.

- Mary? Sua voz abaixou seus olhos preocupados.

- Tudo bem. Ela piscou.

- Mas eu espero que você cumpra sua promessa.

Ela esperava que ele fosse rir, mas ao invés ele se debruçou e sussurrou em seu ouvido.

- Oh, sim. Eu cumprirei minha promessa. E mais.

Quando ele partiu, a memória de seus beijos devastadores sustentou e abasteceu suas fantasias pelo resto da noite.

Capítulo Quatro

Mary sentiu Dace no fundo de seus ossos, a sensação foi visceral e seus sentidos ficaram vivos diante da possibilidade. Como ou por que ela tinha este radar para sua presença, ela não soube. Quando ele caminhou na seção de administração quinta-feira à tarde, seu corpo inteiro reagiu em reflexo, com uma série enigmática de tremores sensuais que ela não conseguia conter.

Os outros empregados de sua área estavam no horário de almoço, e isso deixava Hannah Caril e Mary só.

Ele movimentou a cabeça, seu olhar morno e apreciativo, mas seu rosto estava neutro.

- Oi, senhoras. Ele deu a Mary papelada para arquivar.

- Para você, como prometido.

Seus dedos se encostaram, e ela achou que nunca conseguiria respirar novamente.

- Obrigada.

Ele sorriu e um baixo, aquecido ativo veio a vida dentro dela. *Uau*. Outra indicação de como ele tinha se tornado perigoso para sua compostura. Logo ela começaria a ronronar como um gato quando ele aparecesse.

Quando ele deixou a área, ela agarrou seu refrigerante diet.

- Uau, este homem é quente. O olhar de Hannah se arrastou atrás de Dace.

– Só uma vez eu gostaria de descobrir o que seria dormir com ele.

Mary quase sufocou com sua bebida quando uma risada deixou sua garganta. Ela tossiu uma vez e sorriu para sua colega de trabalho. Então, o ciúme a atingiu em cheio. *Não, não, não.* Ela não podia ter ciúmes de algo que ela não tinha. Não é?

Hannah empurrou seus óculos prateados mais altos em seu nariz. Com vinte e cinco, ela sempre tinha se mostrado exteriormente equilibrada, comportamento ansioso que a fez parecer consideravelmente mais velha. Mas Mary tinha aprendido que Hannah não era assim, seus vestidos de colarinho alto e sapatos conservadores escondiam uma personalidade atrevida.

Olhos verdes refletidos da Hannah com maldade.

- Eu penso que ele é o sujeito mais magnífico da SWAT. Eu quero dizer, os irmãos da Justiça são incríveis, mas existe algo tão sensual sobre Dace. Sabe. Sombrio e perigoso e impossível de predizer.

Ela estava certa. Os irmãos da Justiça, Mick, Trey e Craig MacGilvary eram um interessante trio. Adotados muitos anos atrás por um membro do time quando eles eram adolescentes, os três meninos eram tão próximos como quaisquer irmãos de sangue podiam ser. Dace, entretanto... Bem, Dace tinha algo extra que Mary não conseguia resistir.

Hannah sorriu.

– Sempre desejei saber como Dace conseguiu ganhar o apelido 'Hard Man '? Os rumores dizem que é porque ele é... Uh... Duro em todos os lugares.

Outro jato de ciúme a inundou. O pensamento de outras mulheres tocando em seu corpo, fazendo amor com ele a irritou profundamente.

- Ele é um oficial de execução de lei altamente treinado que tem que ficar em forma, e antes disso ele estava com os marines. Não é como se ele deixasse de treinar. Ele me disse que conseguiu o apelido por ter sido premiado nos testes de aptidão física.

- Eu não acredito. Hannah sorriu.

- Lembra do Sanders? Ele acabou de tomar um chute no traseiro do xerife por ganhar peso demais.

- Oh, bom.

- Provavelmente explica por que 'Hard Man' pareceu ultimamente intratável. Com Sanders no gancho e dois caras com influenza, isso faz com que o time fique apenas com três homens. Oh, bem de qualquer modo, tudo que eu posso dizer é que eu daria quase qualquer coisa por uma noite com Dace. Ele deve ser fantástico na cama.

Mary quase engoliu sua língua. Ela forçou suas próximas palavras por sua garganta.

- Então por que você não o convida?

- *Eu?* Você deve estar brincando?

- Não, eu não estou.

- Humph. Não me diga que você não se perguntou sobre como ele seria na cama?

Ela tinha. Eternamente. Especialmente desde que eles tinham compartilhado poderosos beijos. Talvez, se tudo funcionasse bem hoje à noite, ela saberia a resposta de uma vez por todas. O mistério seria resolvido e o desejo se apagaria.

Hannah sorriu e começou a digitar em seu computador.

- Eu gostaria de tirar toda aquela roupa fora dele e ver como ele é debaixo de sua camisa. Você já não se perguntou?

Oh, ela tinha. Se perguntado e fantasiado e imaginado nos cantos fundos, escuros da noite até que ela ficava quente e insatisfeita.

- Eu nunca o vi sem sua camisa.

Os dedos da Hannah voaram em cima dos teclados, então ela parou. Atrás dos seus óculos seus olhos ficaram enormes e cintilantes, mas quase semelhante aos de uma coruja.

- Meu Deus, você não pensa que ele é gay, não?

Mary fez som para ridicularizar.

- De nenhuma maneira.

Hannah fez uma careta e a fitou de maneira séria.

- Como você sabe que ele não é gay? Você já o viu sair com alguém desde que ele começou a trabalhar aqui?

A estação de departamento do xerife era pequena, ainda bem, que não tinha muitas pessoas andando ao redor nesta hora de meio-dia. Ninguém escutaria esta conversa ultrajante.

- Eu não sei com certeza, mas o modo que ele olha para mulheres me diz que ele não é gay.

- Sim? Hannah piscou. Ela balançou sua cabeça de lado e seu cabelo loiro deslizou em cima de seus ombros.

- Isso significa que ele olhou para você deste modo?

- Ahem. Senhoras, vocês tem um minuto? O capitão Sherry Carmichael entrou na seção de administração, seu porte militar apertado atestava seus dez anos de força aérea e outros dez no Departamento do Xerife.

- Uma nova tempestade está começando novamente. Carmichel se moveu e seu holster rangeu. - O xerife foi pego na cidade em uma reunião,

mas ele acabou de chamar e pedir para dispensá-las antes que ela aumente.

Lá fora como se a mãe natureza tivesse ouvido as palavras do capitão, o vento soprou em uivo de gelar os ossos. Neve bateu nas janelas. O tempo ficou escuro em um minuto.

- Whoohoo! Hannah girou sua cadeira. – Esta é uma ótima maneira de terminar a semana.

Sherry sorriu.

– Caiam fora daqui antes que eu mude de idéia. Ela caminhou a passos largos para a porta.

Quando Mary fechou seu computador, Hannah gemeu.

- Algo errado?

- Eu me esqueci. Meu carro não sairá da oficina até mais tarde. Sandy do despacho tinha planejado me dar uma carona até a oficina. Mas ela é essencial. Ela não estará saindo cedo.

Mary agarrou sua bolsa na gaveta da escrivaninha.

– Problema nenhum. Eu posso deixá-la na garagem. Dê a Sandy um telefonema.

- Oh, obrigado. Isso seria ótimo.

Logos elas entraram no Ford foccus de Mary e estavam na rua principal. Poucas pessoas estavam nas ruas. Ela soube que Dace trabalharia até o fim do expediente - policiais não saíam mais cedo por causa de nevascas. Ela suspirou decepcionada. Se esta nevasca não melhorasse ela não poderia ir até sua casa hoje à noite para uma *conversa amigável*.

Maldição. Maldição. Maldição.

Ela realmente, realmente queria ficar junto dele em todos os sentidos possíveis.

Uma vez que ela arranhasse esta coceira louca, ela teria muito prazer.

Entretanto uma estação de rock local vociferou música no carro, e Hannah se sentou ao seu lado, Mary se sentiu isolada. O dia de ação de graças não estava longe. Ela tinha sentido solidão antes, mas este ano bateu mais forte. Deus, ela não quis sentir pena, mas com o ar festivo, confortável de uma tempestade de inverno no ar, teria sido bom ter uma família que a esperasse em casa. Uma imagem selvagem entrou em sua cabeça, de Dace voltando para casa para ela, com um sorriso em seu rosto.

Ela planejou passar o fim de semana de Ação de graças sozinha, apreciando a paz e tranquilidade. Ela não mudaria seus planos agora imaginando um futuro impossível com Dace.

- Algo errado? Hannah perguntou.

- Não. *Mentirosa*.

Já fora da cidade, na oficina do Velho Dixie Miller, a garagem estava em estado precário no fim de uma estrada suja, cercada por árvores.

- Eu me pergunto se DK está em casa. A voz de Hannah soou com escárnio.

- Deus, eu espero que não.

Ele é muito estranho. Um calafrio correu em cima da pele da Mary. A neve caiu mais pesada e uma rajada de vento atingiu seu pequeno carro.

- Talvez um dos outros caras da loja esteja lá. Eu acho melhor tratar com eles. Ela não podia culpar Hannah por sua reação ao filho adotivo vagabundo do Dixie. Desajeitado, insignificante, briguento e provavelmente desequilibrado, o homem de quarenta e cinco anos de idade tinha vivido com sua mãe por dez anos. Ele alegava que era para tomar conta de sua mãe viúva.

- Pelo menos ele é um bom mecânico, Mary disse quando elas estacionaram na calçada.

Vários carros estavam estacionados ali, talvez consertados e prontos para que seus donos viessem buscar.

- Hmm, isto é esquisito. Hannah empurrou seus óculos mais altos no seu nariz.

- Não tem qualquer luz acesa na loja.

- Ou na casa.

- Eu não vejo meu carro aqui fora. Hannah suspirou. Mary estacionou e Hannah saiu do carro.

- Eu verei lá trás.

Mary esperou seus pensamentos fixos em quando ela veria Dace. Homem, ela não conseguia acreditar no quão rápido ele tinha destruído suas defesas, como ele tinha conseguido que ela esquecesse seu passado.

Certo, ela não tinha se esquecido. É por isso que ela apenas precisava dormir com Dace, para tentar tirá-lo de seu sistema, perceber que o que ela sentia por ele não era nada além de temporário. Satisfeita consigo mesma, pela explicação ela decidiu que o seduziria de uma forma ou de outra antes da Ação de graças, ela sorriu.

Seu telefone celular tocou. Ela o procurou em sua bolsa e respondeu no terceiro toque.

- Oi?

- Oi.

- Dace? Ela não podia confundir aquela voz sensual com qualquer outro.

- Você está esperando outro cara te ligar?

Ela ouviu o tom provocativo de sua voz.

- Te aborreceria seu eu dissesse que sim?

- Sim. Aborreceria. Mas não deveria. Eu sou só seu amigo, se lembra?

Dace, ciumento? Aqueles pensamentos traiçoeiros e selvagens vieram à tona.

- Então o que você manda?

- Esta tempestade. Eu ouvi que você foi saiu mais cedo.

- E não muito cedo. Eu estou aqui na loja do Miller esperando por Hannah pegar seu carro.

- Tenha cuidado. As estradas já estão ficando lisas. Avise-me quando você estiver em casa, para que eu tenha certeza que você chegou bem.

- Eu ligarei. Você está sendo muito doce por se importar.

- Claro, que eu me importo. Escute, eu não sei se poderei sair cedo hoje. Provavelmente não dará para vê-la hoje à noite.

- Eu achei que fosse o caso. Ela suspirou.

- Oh, bem. A vida é assim, não é?

- Sim. Eu não queria que você dirigisse neste tempo mais tarde hoje à noite de qualquer maneira. Se eu sair cedo, eu passo em sua casa. Vibrações suaves de sua voz rouca golpearam sua pele como um toque gentil.

- Isto é, se você quiser.

- Oh, sim. Isso seria grande. Eu podia fazer o jantar. Seus olhos se arregalaram.

- Dace, eu...

Ela parou fria quando Hannah saiu pela porta da frente, com o braço de DK Miller ao redor do seu pescoço, uma arma de fogo apontada para sua cabeça.

Pelo que pareceu uma eternidade, Mary não conseguia registrar o que ela via à sua frente. Até que ela ouviu a voz do Dace a chamando, e um resfriado, medo frio subiu por sua alma.

- Mary? Você está aí?

- Oh, meu Deus.

- O que? Sua voz ficou afiada e dura.

- O que está acontecendo?

Antes que ela pudesse falar, Miller apontou a arma em sua direção e atirou em Mary.

* * * *

Dace ouviu o barulho de tiro e vidro quebrado, e empurrou o telefone de seu ouvido ao som penetrante. Ele estava saindo da loja de conveniência em direção a seu carro patrulha quando a exclamação chocada e assustada de Mary o tinha parado.

Ele agarrou o telefone e o levou novamente ao ouvido.

- Mary! Quando ele não recebeu nenhuma resposta ele correu em direção ao carro de polícia tão rápido quanto ele podia sem escorregar no gelo.

- Mary, me responda! Você está bem?

Ele ouviu outro tiro, então um grito. Nunca em seus anos como representante do xerife ou um dos marines ele teve sua alma tão cheia de medo como agora.

- Mary!

Nenhuma resposta. Ele trocou o telefone celular para seu outro ouvido, escancarou a porta do carro de polícia e saltou do lado de dentro.

- O que está acontecendo? Kelso perguntou seus olhos duros com preocupação.

- Aconteceu algo com Mary. Ela deu uma carona para Hannah até o Miller para que ela pegasse seu carro. Ela disse, 'Oh meu Deus' e então eu ouvi um tiro.

- Filho de uma cadela! Kelso acelerou o carro e rugiu fora do estacionamento, pneus deslizando em neve e gelo e a sirene tocando.

Dace pegou o rádio e alertou a SWAT da situação. Ele manteve o telefone celular em seu ouvido e periodicamente tentou conseguir uma resposta de Mary. A linha tinha ficado muda.

- Deus, Kelso. Dace tragou duro.

- Se qualquer coisa tiver acontecido com ela...

Ele não conseguiu terminar.

Kelso dirigia tão rápido quanto ele podia sem bater o carro.

- Ela está bem. Ela vai ficar bem.

Seu coração parecia querer parar, com a possibilidade que Mary podia estar seriamente ferida... *Deus, ou...* Morta.

- Se alguém a ferir, eu juro por Deus... Ele tragou duro novamente.

- Eu o matarei com minhas mãos nuas.

- Eu ajudarei.

Antes que ele percebesse, eles tinham alcançado a extremidade da cidade e Kelso desligou as sirenes. Outras unidades abordariam da mesma maneira.

- Nós estamos quase lá. Kelso fez uma curva um pouco rápida e os pneus guincharam.

- Nós ficaremos aqui e esperamos pelos outros.

Então um relatório veio depois do rádio que apavorou Dace.

- Unidade oito, base falando. Vincent, primo do DK Miller acabou de receber uma ligação do DK. Ele está com dois reféns. E ele atirou em sua mãe.

Dace bateu no painel com seu punho.

- Fuck.

- Eu digo a mesma coisa. Kelso disse.

Dace agarrou o rádio.

- Esta é a unidade oito. Há outra pessoa ferida, além da mãe do Miller?

- Unidade oito, nenhuma confirmação.

A garganta de Dace fechou como alguém o estivesse enforcando com um laço.

- Dez e quatro, básico. Dace colocou o rádio no lugar. Seu estômago queimou.

- Filho de uma cadela.

- Calma amigo. Nós não temos uma pista ainda do que está acontecendo. Fique calmo.

- Maldição. Sua voz soou severa até para seus próprios ouvidos.

- Você estaria da mesma maneira se fosse com Irene.

Kelso soltou uma respiração dura.

- Claro, que eu estaria.

Dace apertou seus punhos, sua respiração ficando mais dura. Ele pegou uma respiração funda e então outra para acalmar a ira que ameaçava sair do controle. Nada mais importava a não ser correr para Mary. Nada importou mais que a tirando da situação e a segurando em seus braços. Ele *teve que manter suas emoções sob controle*.

A neve caía implacavelmente, mas pelo menos não alcançou condições de temporal. Eles pararam longe o suficiente da propriedade dos Miller e ninguém dentro da propriedade conseguiria vê-los. Eles saíram do carro e abriram o porta-malas. Depressa e eficazmente eles colocam o equipamento necessário da SWAT, se preparando para a situação. Dace e Kelso agarraram suas armas MP5 e se certificaram de que estavam prontos. Dentro de um tempo menor do que até ele esperava,

quatro outros carros chegaram com os membros restantes da equipe seguidos por uma bem equipada estação de comando móvel da SWAT.

Os músculos do Dace ficaram mais tensos quando dois atiradores se prepararam para tomar posições em torno do perímetro e passarem o relatório.

Kelso colocou seu capacete e o fechou no queixo. Ele apertou ombro do Dace.

- Ela está bem, cara.

- Maldição, vamos em frente. Dace faria que isto acontecesse nem que se fosse a última coisa que ele fizesse.

* * * *

- Se mova. DK apontou sua arma de fogo para Mary e Hannah e as persuadiu até a área em frente da garagem.

Mary entrou no escritório da garagem seguida por Hannah. DK veio na retaguarda. O coração de Mary estava acelerado e seu estômago se contraía de maneira dolorosa. Náusea a ameaçou.

- Ande mais rápido. A voz do DK foi áspera e agressiva.

Mary obedeceu sem perguntar, ela sabia pela luz estranha em seus olhos que ele falava sério.

Ela desejou o inferno que ela não tivesse soltado seu telefone celular no carro quando ele puxou o gatilho.

Pelo menos Dace sabe que algo está errado. Ele deve ter ouvido quando DK tinha atirado.

Ela tinha gritado? Ela não se lembrava. Ela continuou tentando se lembrar do momento horroroso.

Quando DK veio até seu carro com Hannah a reboque e ameaçou matá-las, ela pensou que seu coração pararia. Não tinha, e agora ela tinha que negociar.

Ela parou na área do escritório central, e não pôde suprimir um grito.

- Oh, não.

A mãe de DK estava sentada em sua escrivaninha, a cabeça lançada para trás, sua boca aberta. Sua camisa de botão uma vez branca, agora estava ensopada de vermelho. O vermelho parecido vivo. Pulsante.

Isto foi quando ela percebeu, a respiração de Mary ficou presa em sua garganta.

- Ela está viva. DK, ela está viva. Deixe-me ajudá-la

- Cale-se!

O tom brutal de DK a fez se arrepiar. Ela ficou tensa e esperou.

O rosto enfurecido de DK ficou tranqüilo. Mary levantou uma respiração lenta, sua garganta doía com tensão. *Eu sobreviverei á isto.*

Os olhos da Hannah ficaram frenéticos. Seu corpo se agitou.

- Por favor, não nos machuque, DK.

- Eu não vou machucar você a menos que você me respeite, assim como aquela cadela velha ali na cadeira e todo mundo desta cidade.

Mary soube que tinha que manter esta situação tão tranqüila quanto ela podia.

- Nós respeitamos você, DK. O que é que você quer?

Seu cabelo era cortado no estilo dos anos setenta, felpudos e caindo em cima do colarinho de sua camisa. Graxa sujava seu macacão. Seu fino rosto magro, a lembrou um cadáver. Ele tinha perdido peso considerável da última vez que ela o tinha visto. Ele parecia bem mais velho do que ela soube que ele era.

- Nós temos dinheiro. Hannah olhou como se ela tivesse um aperto apertado no antebraço do homem louco.

- Se você precisar.

Ele grunhiu e puxou Hannah para seu lado.

- O que eu quero é morrer.

Um frio deslizou pela espinha de Mary. Do que ela tinha aprendido trabalhando com execução de lei, isto significava que DK tinha decidido que ele não tinha nada a perder. Isto não pressagiou bem para sua sobrevivência ou da Hannah.

- Não fale assim. Mary se manteve quieta ciente de não mover suas mãos ou fazer outros movimentos súbitos.

- Por favor, nos solte. Hannah tentou se soltar do aperto do homem, seu tom irritado e trêmulo.

- Se você quiser se ferir, nós não podemos impedi-lo, mas, por favor, não nos use para fazer isto.

- Besteira. Ele arrastou Hannah em direção à janela do lado do leste do escritório.

- Se você quiser morrer também é só continuar conversando como uma idiota. Ele a colocou na sua frente e passou seu braço ao redor de sua garganta arrastando suas costas contra ele.

- Não. O chio da Hannah de medo era desesperado. Ela estrangulou e tossiu.

- DK, pare com isto. Deixe-me ir.

Ela está perdendo. Droga, droga. Ela está piorando as coisas. A tensão de Mary se elevou. Instintivamente ela soube que mencionar a polícia não ajudaria. Este cabeça de merda queria ser morto por policiais, e isto a assustou. Sua mente procurou por respostas quando DK deu as costas a ela e segurou Hannah em sua frente. Ele virou um grande alvo para um atirador, mas talvez fosse isso que ele estava procurando. Ele imaginou que os delegados o abateriam com um tiro, e ela sabia que eles podiam fazer isto em uma batida de coração. Ela não podia protegê-lo por de trás, este caminho a guiaria para a morte.

- DK? Ela suavemente perguntou. - Eu posso ajudar sua mãe? Ela precisa de ajuda.

- Esqueça dela. A voz de DK estava fria. - Eu já esqueci.

Mary girou e olhou para sua mãe e percebeu que ajuda chegaria muito tarde de qualquer maneira. Olhando para o céu Mary esperou que a mulher encontrasse paz. Culpa se apressou dura em seu estômago, e encheu sua mente e coração. Ela pegou uma respiração desigual. *Eu não a ajudei. Eu deveria ter pensado em outra saída.* Por um momento ela se lembrou do seu pai, da culpa, das emoções caóticas e cruas.

Ela retornou sua atenção para DK e Hannah. Hannah choramingava e Mary quis gritar para que ela se calasse. Ela entendia o medo da mulher, a ação paralisante, de que elas poderiam passar as últimas horas de suas vidas nesta garagem gordurosa e suja. *Este não é o modo como eu planejei morrer.*

Ao mesmo tempo, elas tinham que se manterem calmas se elas quisessem ter qualquer chance de escapar incólume. *Ou pelo menos vivas. Por favor, que nos consigamos cair fora daqui vivas. Um pouco quebrado, um pouco qualquer coisa, mas somente vivas.*

Um retrato mental do rosto duro de Dace, às vezes irreconciliável surgiu em sua mente. O que ela não daria para tê-lo ao seu lado agora.

Ela saiu de sua auto lamentação rápido o suficiente para notar que Hannah torcia no aperto de DK.

- Merda, ele rosnou, e então soltou seu fardo.

Hannah caiu em seu lado e ficou quieta.

Mary começou a se mover adiante.

- Hannah.

- Fique onde está! DK girou a arma de fogo nela.

Ela se deteve, sua respiração falhando.

- Ok.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa mais, o telefone na escrivaninha, próximo ao corpo da mãe dele, começou a tocar. DK olhou fixamente para ele. Tocou seis vezes.

Mary olhou para o telefone.

- Nós não devíamos atender?

- Não.

O telefone continuou a tocar e o rosto de DK se contorceu em algo que parecido com dor.

- Fuck!

Ele apontou para o telefone e o destruiu com um tiro preciso. Mary saltou. Pedacos saíram voando. Um pedaço a atingiu na frente a machucando. Ela clamou e passou sua mão por sua cabeça. Seus dedos ficaram sangrentos.

- Maldição, mulher, saia do caminho, a menos que você queira morrer.

Ele soou como um gangster de algum filme classe B, e se a situação não fosse tão séria ela teria rido de seu comportamento fora de modo. Ao invés ela agarrou um tecido na escrivaninha e segurou em sua frente.

Seus olhos estavam tão vermelhos quanto um cão de caça do inferno, sua boca uma linha cruel.

- Nenhuma chance para chorar pedindo ajuda.

Sua testa ardia loucamente.

- Provavelmente eram os tiras. Se nós não respondermos da próxima vez, eles podem entrar.

Ele encolheu seus ombros.

- Então? É o que eu quero. Eles podem entrar com armas de fogo atirando em tudo, que eu não me importo.

Seu coração batia lentamente, dolorosamente. Ela reconheceu que pânico queria dominá-la. Ela retraiu uma respiração lenta, determinada a não perder a razão. Ela queria sair daqui viva. Ela tinha que viver.

Ela tinha que ver Dace novamente e o segurar apertado ainda que só por uma noite. Uma descuidada, bonita noite.

DK caminhou em sua direção.

- Venha aqui. Você é minha nova proteção.

Capítulo Cinco

Dace se movia com agitação, pronto para ação. Ele quis entrar lá.

- Eu não me vesti bem para não comparecer à festa, maldição.

Craig MacGilvary bateu uma mão no ombro do Dace enquanto eles permaneceram em espera.

– Você conhece a manobra

O irmão do Craig, Trey, um atirador, estava instalado mais próximo da garagem do Miller e reportou o que ele conseguia ver. As informações não eram boas. Fucking não boas mesmo. Primeiro Hannah e DK tinham estado em frente da grande janela, agora Hannah tinha caído. Trey tinha reportado que DK não tinha atirado nela, mas ela não se movia. Logo depois que eles tentaram estabelecer contato, eles ouviram outro tiro. Aquilo tinha assustado o inferno Dace, mas ele escondeu suas emoções atrás de dura disciplina.

O vento levantou, e uma boa polegada de neve agora cobria o chão.

- Espere, veio a resposta de Trey. O rádio na estação de comando móvel crepitou.

- Ele pegou a outra mulher e a está usando como proteção. É Mary Wickes.

Ansiedade cresceu rapidamente em Dace, mas ele se conteve.

- Ele pode ver se Mary está bem? O chefe incidente, Jefferson Harris, perguntou ao rádio.

- Existe sangue em sua face.

Filho da mãe! Dace fechou seus olhos.

Dace se lembrou, como um ferimento aberto, a última vez que ele tinha experimentado este pesar.

Isto não podia acontecer novamente com ele. Era como um pesadelo e ele não conseguia fugir de um daqueles filmes de terror onde a vítima vaga sem objetivo em um labirinto e ela não conseguia escapar até o homem do machado aparecesse e a matasse.

Voltando ao presente ele viu que o time conspirou o que deveria acontecer a seguir. Depois que eles decidiram, Harris disse,

- Se movam.

Agora nós estamos conversando.

- Espere. Você não Banovic, Harris disse.

- O que?

- Espere um minuto. Mais velho por uns bons dez anos, o Capitão olhou para Dace com um duro e avaliador olhar.

- Você está bem?

- Eu estou ótimo.

O chefe bufou compreensão em seus olhos azuis.

- Seja honrado com você mesmo e comigo. Você consegue operar como você sempre fez? Se você não conseguir, você não estará participando desta operação. Eu não me importo o quão pequeno nosso time é.

- Eu estou em controle.

O chefe da SWAT o fitou fixamente por uns sólidos quinze segundos, avaliando com uma precisão de falcão.

- Certo. Saia daqui.

Intelectualmente, Dace entendeu que ele não devia nem estar nesta operação. Emocionalmente, ele não conseguiria ficar longe. Eles teriam que chutar seu traseiro dali, chutando e gritando. Ele tiraria Mary dali com vida nem que para isso ele precisasse morrer.

* * * *

O antebraço de DK apertou a garganta de Mary e ela estremeceu.

- DK, por favor. Você está me machucando.

DK manteve sua pressão em seu pescoço. Ela quase gemeu. Ela olhou para Hannah, não muito longe dali e percebeu que a mulher estava respirando.

- DK, não tem que ser deste modo. Nós podemos parar isto agora mesmo.

- De nenhum modo. Eu quero morrer.

- Por quê?

- Porque eu tolerarei besteiras de minha mãe por toda vida e agora ela não está mais aqui, mas os outros bastardos com quem eu costumava trabalhar precisam entender. Eles precisam ver que eu não sou nenhum maldito vagabundo e que eu quero dizer alguma coisa.

Merda. Ela sentiu uma gota de algo em sua fronte e se perguntou se seu corte estava sangrando. Um segundo mais tarde a impressão de aço frio contra seu templo a fez gemer ela de dor. Seu braço apertou ao redor de sua garganta, e ela gemeu novamente quando sua dor se multiplicou.

De sua visão fora da janela volumosa, ela viu viaturas do departamento do xerife à vista, mas eles estavam afastados. Ela soube que Dace estava lá fora e um pouco de seu terror diminuiu. Ela confiava plenamente que ele a ajudaria.

O vento agitava no ar lá fora e um tapete branco completo cobria o chão. A única coisa boa era que a neve não tinha mudado as condições do tempo para um temporal.

DK abruptamente a lançou, então agarrou uma cadeira perto. Ele a lançou pela janela. Quando vidro voou com impacto, ela protegeu seu rosto com seus braços. Vidro choveu em cima de Hannah, e tudo pareceu rolar em movimento lento. DK agarrou Mary em torno da garganta novamente, seu aperto seguro quando ele segurou a arma de fogo em seu templo.

- Vamos! DK incitou gritando no ar gelado. - Vamos! Atire em mim!

O negociador da SWAT falou em um megafone portátil.

- DK, nós não queremos machucá-lo. Nós queremos resolver isto de maneira pacífica.

- Eu vou me matar!

- Mary e Hannah não fizeram nada. Deixe que elas saiam e nós conversaremos sobre que está errado. Nada é tão ruim que não tenha solução. Nós só precisamos que você saia com as mãos para o alto. Nós não o machucaremos.

- Não me diga isto! Não isto! Você não sabe quais são os meus problemas!

O grito agudo maníaco do DK perfurou seus ouvidos, e seu coração bateu com um baque agudo em *seus tímpanos*.

Ela teve que achar um modo de se libertar antes que ele ficasse mais nervoso.

- Por favor, me deixe sentar? Eu tenho náuseas. Isso não era mentira.

Ele apertou a arma de fogo mais duro em seu templo, e ela não podia suprimir um gemido aflito.

- Não diga outra palavra ou eu mato você.

Decidindo que seria melhor se ela não o empurrasse, ela permaneceu tão quieta quanto possível. Ela fez um voto novamente que

se ela saísse dali viva, ela agarraria Dace e lhe mostraria o quão importante ele era para ela. O quanto ela gostou dele.

Por favor, deixe-me ter esta chance. Lágrimas surgiram em seus olhos.

- Talvez eu tenha que me tornar mais áspero com ela para conseguir um pouco de ação? DK falou com os policiais. - E se eu salpicar seu cérebro agora mesmo, ou a sufocar?

Seu braço apertou. Ela tentou prender a respiração, mas não conseguia. Sem ar ela sufocou, um som adulterado saiu de sua garganta. Ele apertou mais duro e sua vista escureceu.

Lute. Saia de seus braços. Pise seu pé. Faça algo.

Um alto estale estourou em seus ouvidos.

O mundo girou e tudo ficou escuro.

* * * *

Dace andou de cima abaixo no corredor de emergência do pequeno hospital regional. Kelso retornou ao trabalho, desde que eles ainda tinham mais duas horas de turno. Dace tinha pedido ao chefe da equipe que lhe liberasse para que pudesse se certificar sobre as condições de Mary e Hannah. O chefe não tinha visto problema nisto já que nenhuma das duas mulheres tinha familiares na região.

Que diabo estava demorando tanto de qualquer maneira? A impaciência tentava dominá-lo, entretanto ele tentou não demonstrá-la. Ele tomou uma respiração funda, percebendo que se não fizesse isto sua pressão sangüínea explodiria. Uma enfermeira saiu do quarto e se dirigiu até ele.

- Eh, Dace, como você está? O cabelo cinzento da mulher estava preso atrás de sua cabeça, seus olhos azuis sorridentes e tranquilos como águas caribenhas lisas. - Você está esperando por alguém?

- Oi, Bette. Sim, eu estou tentando descobrir como Mary Wickes está e se eu posso vê-la.

- Oh, eu sinto muito. Eles terminaram com ela alguns momentos atrás, eu irei checar.

Frustrado, ele percebeu que teria que continuar esperando. Ele plantou suas mãos em seus quadris e continuou a andar. Ele assistiu suas

botas pretas estilo combate em cima do linóleo velho. Seus músculos estavam apertados apesar de seus esforços para relaxar.

- Aqui está ela, disse Bette enquanto trazia Mary para a área de espera.

Mary trazia seu casaco manchado de sangue, seu rosto cansado e pálido. Para sua surpresa ela forçou um sorriso, seus olhos se animando com diversão quando ela o viu. – Tudo feito e girado e pronto para servir. Eu fui cutucada, picada e examinada tão bem que eu não terei que ver um médico por um século.

Apesar de seu alívio por ver Mary parecendo bem, seu estômago estava queimando. Ele se absorveu da visão dela, o alívio o deixando com vertigens. Seus cachos castanhos ondulavam desordenados em um rabo de cavalo. Seus grandes olhos castanhos fixos nos seus, e seu coração aliviou um pouco. Seu roto pálido e tranquilo mostrou tensão que até um sorriso não podia esconder. Embora ela fosse alta, sua constituição esbelta ainda parecia pequena e delicada. Delicada de um modo que o fez querer juntá-la em seus braços e prometer que a protegeria para sempre.

Dace foi até ela, seu coração diminuindo a velocidade para um ritmo razoável.

- Eles a deixaram ir?

- Claro. Eu estou em grande forma.

Ele balançou seu queixo para cima e olhou para sua frente. - O que lhe disseram sobre este ferimento na cabeça?

- O metal do telefone me acertou, e o cano daquela arma de fogo apertada contra meu templo causou a maioria da contusão. Ela tocou o lugar só abaixo de seu templo.

– Está dolorido, mas eu me sinto bem.

Então ele viu a leve contusão ao redor do seu pescoço e friccionou seus dentes.

- Sua garganta soa um pouco rouca.

Ela colocou o casaco manchado de sangue.

- É. Mas não é tão sério quanto pensa o paramédico. Eu sou dura como uma bota de combate velha. O médico me deu comprimidos para dores caso eu precise deles, mas eu não penso que usarei.

- Ela deveria ficar em casa por uns dias, Bette disse.

- Ordens do doutor.

Ele pegou seu braço.

- Vamos. Vamos para casa.

Bette os acompanhou até a porta vidro automática que levava da sala de emergência até o estacionamento.

A noite tinha começado a cair quando nuvens escuras e carregadas de neve obscureceram o sol. Agradecidamente as previsões de temporal ainda não tinham se confirmado, mas a neve continuava a se acumular. Algumas polegadas atrapalhavam o caminho quando eles

Polegadas impedidas seu passeio como eles caminharam pela calçada coberta de neve. Ele segurou seu braço. Ela continuou caminhando, não oscilando ou mostrando debilidade aparente.

- Você se importaria de me levar até meu carro? Ela perguntou quando eles alcançaram a viatura de polícia.

Ele abriu a porta de passageiro.

- Mel, seu pára-brisa está quebrado, se lembra? Miller disparou nele.

- Ela afundou no banco do passageiro.

- Oh, maldição. É verdade.

Depois que ele deslizou no lado do motorista, ela removeu seu grande casaco e jogou no banco traseiro.

- O que você está fazendo? Está congelando aqui. Ele ligou o motor e apertou o botão do aquecedor.

- Eu não consigo usar isto. A maior parte deste sangue é do Miller. Eu vou jogá-la fora. Eu... Eu nunca poderei vesti-la novamente.

Ele tirou seu casaco.

- Aqui. Está morno.

- Não.

- Me agrade.

Com um sorriso torto, ela vestiu o casaco. As mangas caíram em cima de seus dedos, e a coisa pendurou nela como um saco.

- Oh, você estava certo. É aconchegante. Ela inalou profundamente.

- E ele cheira como você.

Ele sorriu.

- Eu devo me sentir insultado?

Ela se aconchegou melhor em seu banco.

- De nenhuma maneira. Sua loção pós-barba é deliciosa.

Seu pênis ficou semi-ereto. Ela gostava de seu cheiro? Uma picada de antecipação dançou por ele.

- Obrigado. Agora vamos para assuntos mais sérios.

Seus olhos nublaram.

- Eu pensei que podia evitar a realidade de agora em diante. É uma cadela.

Seu tom sardônico, ele soube, escondia algumas emoções muito mais instáveis e impossíveis de predizer.

- Verdade.
- A propósito, seu carro ficará apreendido para evidência por um dia ou dois. De qualquer modo, você não precisará dele por um par de dias. Quando eles deixaram o estacionamento, ela o fitou aborrecida.
- Por que eu não precisarei disto? Não é como eu se eu tivesse outro carro.
- Whoa. Ele levantou as mãos para o alto.
- O doutor não lhe disse que você devia ficar em casa por pelo menos dois dias para se recuperar?
- Sim, mas eu não sei se eu realmente preciso ficar em casa.
- Fique. Descanse e tome um tempo para você mesma.
- Você sabe o que, Dace Banovic? Você é um mandão.
- Eu não vejo por que você não pode se conceder alguns dias para relaxar. Você tem passado por um inferno hoje. Ele ouviu a extremidade áspera em sua voz, mas não podia conseguir se acalmar. - Eu a levarei para casa então chamaremos algum de seus amigos para vir ficar com você.
- Dace, eu não preciso de uma babá.
- Eu sei disto. Ele fitou o relógio no painel da viatura.
- Pense sobre isto deste modo. Nós não tivemos nosso encontro hoje a noite, eu lhe farei o jantar.
- As prateleiras estão nuas. Eu não fui ao supermercado.
- Problema nenhum. Eu comprarei algo voltarei para sua casa.
- Ele a sentiu olhando fixamente para ele, mas manteve sua mente na estrada.
- Eu pensei que com este tempo você poderia ter que trabalhar hoje à noite.
- Talvez, mas está no fim de meu turno normal. Os rapazes no trabalho sabem o que aconteceu a você, e eles tentarão me cobrir se eles puderem.
- Você quer dizer que você lhes contou que nós tínhamos um encontro?
- Sim. Eu não estou escondendo minha relação com você de ninguém.
- Nós temos uma relação?
- Maldição, Mary, pare de ser tão impertinente. Deixe-me cuidar de você pelo menos por hoje à noite. Suas palavras terminaram ásperas e indignadas.
- Se depois você quiser que eu saia fora de sua vida, eu sairei o inferno fora.

Ela ficou quieta depois disto, e ele se sentiu como o maior idiota do mundo por estourar com ela. Sim, ele teria que fazer muito para corrigir seu mau temperamento hoje à noite. Ele pegou uma respiração funda quando eles chegaram ao seu complexo de apartamento. Ele não gostou do olhar deste lugar ontem à noite; não estava em um dos melhores bairros. Neste edifício em particular tinha havido crimes demais ultimamente. Ele não quis criticar seu local, mas ele mencionaria isto em algum ponto. Só não hoje à noite. Ele quis levá-la até seu apartamento, mas ela precisou da familiaridade de seu próprio espaço.

Uma vez dentro de seu apartamento, ela lançou sua bolsa no banco perto da porta. Ela deixou o casaco manchado de sangue lá também. Quando ela tirou seu casaco e lhe deu, ele pegou a expressão assombrada em seus olhos.

Ela vestia um conjunto de calças azul marinho casual daqueles tecidos que nunca parecerem enrugam.

Ela tirou suas botas pretas e as deixou perto do sofá. Mais que qualquer coisa que ela parecia pronta para cair. Ela veio parou no meio da sala de estar panorâmica pequena. Uma expressão de desgosto assombrava seu olhar.

Ele se aproximou.

- Ei, você está bem?

Ela olhou para ele, suas sobrancelhas apertadas.

- Eu... Não sei.

- Está tudo bem. Ele desesperadamente quis assegurá-la, apertando seus ombros e massageando suavemente.

- Você precisa conversar sobre isto.

- O que eu preciso Dace, é que as pessoas parem de dizer o que eu preciso.

*

Mary meio esperou que ele fosse embora. Ela não tinha aceitado muito bem sua preocupação, e àquilo a deixou perplexa. Ela quis estar com ele, e ele estava aqui agora. Chamas lentas de raiva se formaram dentro dela enquanto Dace usou seus dedos mágicos para massagear a tensão de seus ombros.

Ela manteve seu olhar fechado no seu, absorvendo o calor e atenção. Ela fechou seus olhos antes de lágrimas começarem a cair. Deus, ela não queria chorar. Ela não queria.

Muito tarde. Duas lágrimas vazaram debaixo de seus olhos firmemente fechados. Ele deve ter visto imediatamente, porque ele deslizou seus braços ao redor de sua cintura e a puxou perto de seu musculoso corpo duro. Ele apertou sua cabeça suavemente em seu ombro e acariciou seu pescoço com toques ternos.

- Está tudo bem. Se ela pensasse que sua voz era ferro duro mais cedo hoje quando ele tinha sido mandão como o inferno, agora ele a persuadiu com voz suave, rouca. - Você está segura. Você não precisa esconder qualquer coisa de mim.

- Eu sei. Eu somente... Sua voz se amortizou contra seu ombro, e então ela deslizou seus braços ao redor de seu pescoço e esperou apertado. Ele se sentia tão duro, que a fez sentir protegida. Lágrimas quietas derramaram de seus olhos. Seu aperto ficou mais justo. - Eu só me sinto tão estranha. Eu sinto muito que eu reclamei com você mais cedo.

Suas mãos esfregavam suas costas em um ritmo calmante.

- Nenhum problema. Eu sou mandão, como você disse. Ele se afastou.

- Por que você não toma um chuveiro ou um banho de banheira? Fará com que você se sinta melhor. Eu farei algo para comermos.

Ele beijou uma lágrima e então outra. Mary sentiu aquele toque leve e exploratório como se ele beijassem por toda parte de seu corpo. O calor chamejou uma reação inesperada depois da tensão que ela tinha experimentado. Ela estremeceu, amando sua gentileza e atenção.

Uma queimadura lenta demorou em seus olhos.

- Dê-me sua chave assim eu posso entrar quando eu voltar.

Ela agarrou suas chaves da bolsa e as lançou para ele. Ele partiu com uma promessa de voltar logo.

Uma vez no banheiro, ela desnudou-se metodicamente, seu cérebro nebuloso com emoções que ela não podia etiquetar. Ela quis seu abraço para passar sem se enroscar nas teias de aranha e sentimentos estranhos que a assaltavam de todas as direções. No chuveiro, ela ficou debaixo da ducha mais tempo do que costumava normalmente e contemplou a enormidade do dia. Ela não conseguia afastá-los totalmente de sua mente e isto a assustava. Ela não queria se sentir indefesa e dependente. Sendo dependente de um homem não era bom, e ela tinha bastante evidência para comprovar.

Ela desligou o chuveiro, se secou e enrolou em uma grande toalha. Porque ela tinha se esquecido de trazer uma muda de roupas com ela, ela abriu a porta e ia andar até seu quarto quando colidiu com Dace que vinha em sua direção. Seus braços seguravam para equilibrá-la e a toalha deslizou para o chão.

Capítulo Seis

Nenhuma palavra podia descrever o que Mary sentiu ao ter seu corpo apertado junto ao corpo forte de Dace. Dace envolveu sua cintura nua quando ele a tinha segurado. O olhar dele desceu, e ela soube que ele viu por um momento seus seios apertados contra seu tórax. Hiper-ciente, seus sentidos se esticaram no momento que sua alta estatura poderosa apertou ao longo da sua. Ela absorveu seu cheiro, couro e musk, e algo exclusivamente seu. Um rubor encheu seu rosto e desceu pelo seu pescoço, mas não de embaraço e sim puro desejo. Sua mandíbula estava apertada, coberta com um leve sombreado de barba, seus olhos queimavam sem chamas com necessidade óbvia.

- Oh, não, ela suavemente disse.

Ele colocou mãos em suas costas quando ele a abraçou apertado. Seus dedos apertaram sua camisa. O olhar de Dace ardia, e seus lábios estavam separados.

- A comida está pronta.

Ele se virou sem outro olhar e se dirigiu à sala de estar. Ela pairou entre decepção e alívio, então percebeu que ela estava parada lá de pé ainda nua.

Envergonhada, ela agarrou a toalha do chão e se apressou para o quarto. Ela se apoiou contra a porta, seu corpo tremendo quando ela

apertou a toalha em seu tórax. Ela forçou ar a sair por seus lábios e correu para se vestir. Ela vestiu um sutiã, e calcinha, e uma roupa azul de moletom em tempo recorde. Ela deixou seu cabelo úmido ficar solto.

Dace provavelmente pensou que ela soltou a toalha de propósito. Deus, ela não quis que ele pensasse isto. Ela se apressou de seu quarto e achou Dace em sua minúscula cozinha. Ele se voltou com um sorriso. A cafeteira fervia. Ele tinha comprado um frango e salada de batata em uma rotisserie. Não comida rápida e gordurosa, e ela apreciou o cheiro de comida caseira, o conforto.

- Eu fiz café descafeinado. Eu achei que nós dois podíamos precisar disto depois que o dia que nós tivemos, ele disse.

Ela se afundou sobre um banco.

- Bom. Obrigado.

O silêncio se prolongou enquanto ele a observava, e Mary não soube o que fazer diante de sua expressão inquiridora.

- Você está encarando, Hard Man.

Ele piscou então lhe deu um daqueles sorrisos que a derretiam.

- Eu não posso evitar. Ele contornou o balcão, então parou próximo a ela.

- Quando você deixou cair sua toalha...

Ela cobriu seu rosto com suas mãos.

- Eu sinto muito. Eu juro que eu não fiz de propósito.

- Eu estava indo lhe perguntar se você queria café.

Ela espiou entre seus dedos.

- Ao invés você conseguiu uma olhada.

- Não o tanto que eu gostaria. Sua voz solta para uma sensual como estrondo de inferno.

- Mas eu não estou tirando vantagem. Não agora.

Ela abaixou suas mãos.

- Eu estou bem. Ela era metade segura.

Ele cruzou seus braços.

- Eu não estou certo que você está.

A cafeteira apitou e imediatamente o cheiro gostoso de café encheu o ar.

- Por quê?

- Porque eu estou certo como inferno não. A incerteza em sua voz a surpreendeu.

- Quando nós ouvimos DK dizer que ele quis que nós o matássemos, e ele tinha aquela arma de fogo em sua cabeça... O chefe imediatamente soube que nós tínhamos que lhe dar um tiro.

Um mal-estar horrível a superou.

- Eu pensei, mais de uma vez, que eu estava morta.

Ele tocou seu cabelo de modo reverente.

- Quando eu ouvi o primeiro tiro quando nós estávamos no telefone, eu não conseguia pensar em mais nada a não ser vê-la. Ele me assustado até os ossos.

A sinceridade, o desespero dolorido em sua voz a golpeou.

- Realmente?

Ele a tirou do tamborete e a apertou em seus braços.

- Realmente.

Seus braços eram força, mas não só em uma sensação física. Ela vislumbrou um desespero e sinceridade em seus olhos que ela não tinha visto em nenhum homem antes. Como se ele entendesse o que ela tinha experimentado de um modo muito mais sincera que a outra pessoa poderia.

Ela se afastou, com medo do que ela sentia, e com até mais medo do que ela não sentia.

- Eu sei o que eu quero.

Seu olhar se fixou no seu.

- O que?

Ela inspirou profundamente.

- Eu preciso sentir. Eu só estou confusa e incerta.

- Sobre tudo?

Um sorriso minúsculo conseguido se formar em seus lábios.

- Eu não estou certa do que eu sinto. Eu estou dispersa.

- Rasgado?

- Isso me descreve perfeitamente.

Depois que a máquina de café apitou novamente e o café estava pronto, ele se encaminhou para a pia e colocou duas xícaras.

- Creme ou açúcar? Ele levantou o caixa de papelão de creme light.

- Creme somente.

Ele ignorou o açúcar também, adicionando uma porção generosa de creme em cada xícara. Ele lhe deu a sua.

- Pronta pra comer?

- Você vai em frente. Eu não sei se eu conseguirei.

Ele rachou um sorriso inclinado para um lado e se dirigiu ao refrigerador onde ele tinha armazenado a comida.

- Vamos. Você precisa comer ou eu ficarei chateado. Eu comprei um banquete aqui.

- Certo. Você é está certo. Seu estômago roncou.

- Eu estou com fome, como você pode ouvir. Meu estômago está apertado, entretanto. Parece engraçado.

- Só coma um pouco. Se sente aí mesmo e relaxe. Eu vou aquecer a comida.

Ela sorriu quando ele lançou pratos no microondas.

- Por que, Banovic, eu nunca percebi que você era tão doméstico.

- Você ficaria surpreendida.

- Eu penso que eu ficaria. Que outros segredos você guarda debaixo de todo este equipamento policial?

Oh, inferno. Eu não posso acreditar em que eu disse isto. Ele vai pensar que eu estou quente para seu corpo.

Bem, certo, eu estou.

Sua expressão era irreverente quando ele colocou um prato e utensílios na frente dela o que fez Mary perguntar-se se ela o tinha insultado novamente. Deus, seus cérebro tinha virado mingau.

- Coma, Wickes. Você está delirante.

Ela bebeu o café excelente com a reverência reservada para uma champanha especial.

- Eu penso que talvez eu esteja.

- Você sempre está em controle, não é?

Ele disse isto antes. Ele estava muito perto, e parte sua se ressentia disto. Outra parte queria que ele a conhecesse por dentro e por fora, compartilhar todas as coisas que ela nunca tinha compartilhado antes deste momento.

- Sim. Eu ainda estou em controle agora.

- É isso que todos nós pensamos. Até que toda merda ventila.

Ela absorveu sua sabedoria.

- Você deve saber certo? Você tem estado em situações ruins antes.

- Depende de sua definição de ruim. Existe penugem de luz e existe gorila.

Ela riu.

Ele colocou os recipientes de comida diante dela, se sentou em um banquete próximo a ela e eles comeram em silêncio por algum tempo. Dentro de pouco tempo eles tinha comido metade da comida com gosto.

- Você já experimentou qualquer coisa como isto antes? Ela perguntou. - Eu quero dizer... Exatamente como o que aconteceu hoje?

- Não *exatamente*.

Quando ela olhou fixamente nas profundidades cremosas de seu café, ela disse:

- Você viu alguém ser atingido ou atirou em alguém?

- Eu tenho sido um policial a dez anos e eu fui um mariner por oito anos. Eu vi pessoas levarem tiros mais que uma vez.

- Você esteve na primeira Guerra de Golfo?

- Não, mas eu não perdi esta última guerra. Eu estou na reserva. Sabe o fim de semana inteiro coisa de guerreiro.

- E você foi para o Iraque?

- Duas excursões ao Afeganistão.

- Eu sei que isto é secreto, talvez seja até uma pergunta estúpida. Foi terrível?

- Em seu próprio modo, sim. A maioria do tempo.

- O que você fez lá?

- Eu era um observador. Algumas pessoas chamam isto de especialista de apoio de artilharia.

- Você teve que matar.

- Sim. Eu lancei fogo de artilharia bastante vezes. Eu disse aos outros onde e quando matar. Uma vez eu e três outros sujeitos fomos pegos debaixo de fogo inimigo. Um homem esteve muito ferido, e nós pensamos que era um caso perdido.

- Mas você o salvou?

- Nós fizemos, entretanto...

Uma nuvem manchou sua expressão, e ela teve que perguntar:

- O que aconteceu?

- Merda aconteceu.

A princípio, ela pensou que ele não explicaria. Ele a fitou olhou continuamente.

- Demorou doze horas para que nós escapássemos de nosso pequeno inferno.

Ela soube que existia mais na história, mas ela conteve-se de questionar.

- Esse foi o dia em que minha noiva foi morta. Na minha primeira excursão no Afeganistão. Gloria Jean Franklin. Ela era chamada de Marilyn Monroe.

- Oh, meu Deus. Ela estava no exército, também?

- Não. Ela estava no lugar errado no momento errado em uma loja de conveniência em Denver. Um filho de uma cadela entrou e queria dinheiro rápido. Ele também estava usando drogas, anti-psicótico. Ele tomou reféns. Quando o time da SWAT chegou, ele não negociou. Ele a atirou na cabeça antes que eles pudessem intervir.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

- Oh, Dace. Eu sinto tanto. As informações afundaram em seu estômago como uma âncora... - Então você entende mais que qualquer um o que eu experimentei hoje.

Ele cobriu seus dedos e apertou suavemente.

- Sim.

- Hoje, quando DK estava nos segurando refém, pra você era como reviver um pesadelo.

- Isto. E mais.

- Talvez você esteja tão confuso quanto eu.

Entendimento surgiu em seu rosto bonito.

- Você poderia dizer isto.

Seu coração doía, e ela desejou com todo seu coração que ele nunca passasse por tal dor novamente.

- Eu sinto muito que você teve que passar por tudo isto. Que você teve que perder alguém que você amou.

- Obrigado, Mary.

O silêncio pairou ao redor deles durante algum tempo até que ela falou novamente.

- Como um policial, você tem que atirar em alguém... Ver alguém ser atingido?

- Gold Rush e o município são muito pequenos. A maioria dos policiais e oficiais do xerife não atiraram de volta em alguém.

- Não é? Você não fez hoje.

- Eu não disparei contra ninguém desde que eu me tornei um policial. Nem mesmo com a SWAT. Hoje foi o incidente mais traumático que nós tivemos desde que eu tenho estado no time.

- Você está ainda em reserva?

- Sim. Eles podem me telefonar novamente, agora mesmo...

Ela olhou fixamente para sua comida.

- Você está preocupado que você seja enviado novamente para guerrear?

Ele terminou de mastigar antes de dizer:

- Eu não tenho condições de pensar nisto. Começaria a usar demais o poder mental e energia que eu preciso para fazer meu trabalho e apreciar minha vida.

Ela terminou de comer, querendo fazer mil perguntas. Uns aborrecedores pulsares tinham começado em seu templo.

O tempo passou em silêncio enquanto eles colocavam as sobras no lixo e colocavam pratos na máquina de lavar pratos. Quando eles se afastaram da pia, ela notou que a neve não tinha diminuído.

- Se continuar deste jeito você ficará preso aqui.

Ele olhou da janela de acima da cozinha e colocou no lugar o último prato.

- Eu não estou partindo.

Ela apoiou seu quadril na pia e cruzou seus braços, não sabendo o que pensar.

- Você não está?

Ele imitou sua posição.

- Não. A menos que eu receba um telefonema da SWAT, eu estou livre o resto da noite. Eu não estou deixando você aqui sozinha.

- E se eu quiser ficar sozinha? Ela esfregou sua fronte.

Ele a olhou preocupado.

- Você está bem?

- Eu tenho uma enxaqueca.

Dace se aproximou seu olhar acariciando.

- Dê a volta.

- Por quê?

- Confie em mim.

- Estas são palavras perigosas, Marinheiro.

Quando ele colocou suas mãos em forma de xícara em seus ombros, ele se debruçou e sussurrou em sua orelha.

- Você não tem nenhuma idéia. Ele esfregou seu pescoço com toques calmantes.

- Você está tensa. Talvez você devesse ter tomando um banho quente.

- Talvez. Ela suspirou quando seus dedos a tocaram magicamente. Ela girou em direção a ele, precisando ver seu rosto.

Vestido em seu uniforme de policial, Dace era uma combinação de energia e vulnerabilidade incomum. Isso a intrigava além da medida. Os toques dele acenderam sentimentos perigosos e deliciosos. Seus olhos reluziam com calor e estimulação. Durante um momento ela não podia dizer o que ela procurava ou o que ela queria. Ela esperou pelo que viria insegura e ainda aberta, querendo conhecê-lo de todas as formas que ela pudesse.

- Mary?

- Sim?

- Hoje não foi horrível só porque me lembrou o caso de Gloria. Estava além disso. Foi terrível porque ele a estava *segurando como* refém. Foi o pior pesadelo que eu já tive na vida. Ele esfregou seus dedos ligeiramente em cima de sua bochecha.

- Eu vejo que você foi ferida emocionalmente, e estou fazendo tudo que eu posso para ficar tranquilo. Eu estou saltando fora de minha pele aqui. Eu quero tão malditamente acertar isto para você, e eu não posso.

Ela encontrou os olhos do Dace e sentiu como se ele batesse em sua alma, seus segredos. Sua cabeça balançou um pouco para o lado, e quando ele moveu mais íntimo, suas inibições caíram longe. Seu olhar cruzou de seus olhos até sua boca e demoraram ali. A pele de Mary formigava com consciência, sua batida do coração acelerando.

- Cansada? Ele perguntou.

- Sim e não.

Ela lambeu seus lábios e seu olhar seguiu.

- Você quer conversar um pouco mais?

- Não estou bem certa do que fazer.

Sua boca estava muito próxima agora, seus olhos queimando sem chama.

- Ontem você queria deixar o departamento do xerife.

- Eu ainda quero.

Seus dedos deslizaram no cabelo atrás de seu pescoço.

- Mas não hoje à noite.

O calor chamejou baixo em sua barriga, um desejo mais forte que qualquer coisa que ela tinha experimentado com outro homem.

O estrondo delicioso em sua voz a seduzia, e ela respondeu sem vacilação.

- Não. Não hoje à noite.

Quando ele a beijou, ela caiu na doçura e se entregou.

Quando ele a apertou ao seu tórax duro, sua boca dançava em cima da sua em demanda faminta. Sua ereção apertava seu estômago, e aquele comprimento impressionante aqueceu sua região lombar e construiu uma dor que exigia conclusão. Involuntariamente ela se moveu, ávida por sentir sua seu tórax duro roçando seus mamilos. O aperto em seus ombros ficou mais duro. Deus, ela doe para ficar mais íntima. Ele gemeu em sua boca e mergulhou mais fundo.

Oh, sim, homens a beijaram com objetivo de levá-la para a cama. Todos eles quase tinham falhado. Eles não tinham feito seu coração acelerar, seu sangue correr com violência furiosa por suas veias, sua respiração ficar presa e seu corpo tremer com uma febre louca.

Eles não a beijaram como... *Isto*.

Estimulação doce, quente floresceu e espalhou. Sua respiração pegou quando seu beijo a lançou diretamente em uma tempestade ígnea. O desejo a engolfou como uma onda irreconciliável. Ela nunca esperou

experimentar uma tensão sexual tão apertada, como tirada a um ponto bom como ela fez com Dace. Embora ele já a tivesse beijado antes, agora pareceu novo e explosivo. Ela apertou em seu tórax sólido, em seus quadris.

Seu toque pareceu encontrar toda ela de uma vez, demorando atrás, em sua cintura, seus braços, como se ele estivesse procurando uma resposta singular que só seu toque poderia descobrir. Passando os dedos por seu cabelo, os polegares esfregando em cima de suas bochechas, ele a segurou para sua inspeção tenra.

Ele recuou longe o suficiente para sussurrar contra sua boca.

- Eu quis fazer isto por seis meses. Desde o primeiro dia que eu vi você.

Ela recuou suficiente para ver seus olhos a examinando, com tal concentração que deu outro baque em suas defesas.

- O primeiro dia que nós nos encontramos?

- O mesmo dia.

- Dace, o que está acontecendo aqui... Não é só luxúria, é?

- Deus, não. Quando eu pensei que eu poderia perdê-la hoje, me assustou mais que qualquer coisa que eu já tinha experimentado. *Qualquer coisa.*

Uma onda de encanto e conforto veio para a superfície dentro dela. Sendo que Dace encheu um espaço que ela não tinha percebido que estava vazio.

Seus dedos se enfiaram em seu cabelo atrás de sua cabeça. Ele a explorou em todos os lugares. Amassando seu traseiro. Seus ombros. Acariciando rapidamente seus lados até que ele quase a tocou nos seios.

Quando ele a beijou novamente ela soube que eles não parariam em meros toques e alguns beijos. Cada beijo veio a um novo ângulo e então outro. Ele a saboreou com fome voraz, como se ele não pudesse conseguir suficiente. Com o fluxo natural de paixão, ela tocou em sua mandíbula e sentiu a lima de sua barba por fazer. Ela demorou, localizando o pequeno recuo no meio de seu queixo, então correu abaixo, por sua garganta forte. *Eu preciso conhecê-lo. Realmente conhecê-lo.* Ele a apertou em cima com uma palma em baixo de suas bochechas de seu traseiro e suas pernas foram ao redor da sua cintura. Seu galo apertou em seus segredos, e ela gemeu em sua boca com o prazer agudo.

Ele quebrou o beijo.

- Eu quero você.

Suas palavras, tão baixas e roucas a dirigiram acima da extremidade. A assustava e emocionava até o âmago, e ela o puxou para outro beijo. Eles se separaram tempo suficiente para chegar ao quarto.

*

Dace pensou que ele estava no céu. Ele os derrubou sobre a cama King size. As pernas separadas de Mary deixaram o seu aperto em sua cintura. Sua respiração terminou em ofegos quando a estimulação afiou sua agilidade e o desejo cruzou por ele como um raio. Ele recuou longe suficiente para desnudar-se de suas botas, e então ela o puxou em seus braços. Ele a beijou e beliscou sua garganta, seu desejo montando ele duro. Mary não estava muito atrás, e quando ele sentiu livre para tocar em seu pênis, ele empurrou em resposta. *Jesus*. Isso pareceu fantástico. Ele estouraria como um menino da escola a qualquer minuto. Ele nunca sentira este desejo constrangedor para tomar, possuir, revelar sua necessidade para ela com ações primitivas e palavras, mas ele entendeu que ela precisou de certeza. Se as coisas tivessem dado terrivelmente erradas hoje, ele não a teria em seus braços agora mesmo, e isso fez querer que este momento nunca tivesse fim.

- *Por favor*, Dace. Eu estou doendo. Eu preciso ter você agora.

O apelo de Mary, era tão suave e ainda assim exigente, quebrou sua força de vontade de levar as coisas lentamente. Ela abriu os botões de sua camiseta e deslizou seus dedos em cima de sua camiseta. Ele se elevou o suficiente para se livrar da camisa e jogar a camiseta de lado.

O anoitecer forneceu a escuridão que adicionava intimidade, mas luz suave do corredor deu alguma iluminação ao quarto. Imediatamente ela olhou e avaliou enquanto corria suas mãos por seu tórax, arreliando seus mamilos com suas palmas. Ele gemeu. Ela demorou em cima de cada músculo do estômago até que ele pensou que não poderia suportar isso por mais nenhum um segundo. Entretanto como ela disse que o queria agora, ela o tocou e provocou e golpeou.

Ele agarrou suas mãos e as colocou em cima de sua cabeça, segurando seus pulsos com uma mão.

Ela torceu debaixo da escravidão gentil, e ele abateu para outro beijo. Sua boca floresceu aberta para sua língua, ela saboreava luxuriante e deliciosa. Deus, ele a queria. Ele precisou tocá-la em todos os lugares,

mas não pensou que ele conseguiria esperar um momento mais longo para explorar seus segredos escondidos. Seu pênis doía para gozar.

Dace se afastou o suficiente para tirar seus sapatos. Então ele empurrou suas calças fora de seus quadris, arrastando sua calcinha de algodão abaixo e fora de suas pernas. Ele os lançou ao lado da cama. Ele agarrou seu top e a ajudou desabotoá-lo. Ela se desfez do sutiã e revelou seios pequenos, cheios margeados com grandes mamilos cor de mel enfeitados com gotas de excitação.

Sem vacilar, ele tomou seu seio em forma de xícara e se debruçou adiante, varrendo uma lambida longa, em cima do mamilo.

- Deus, mel, estes são doces.

Ela clamou e seu corpo se curvou quando ela apertou sua cabeça para seus seios. Ele provou cada um com redemoinhos e lambidas, sua boca chupando até que seus mamilos estavam duros e desesperados para mais. Para aumentar o tormento, ele chupou um mamilo enquanto apertando continuamente o outro entre os dedos polegar e indicador. Ele trabalhou descendente, mordiscando e explorando suas costelas, sua barriga plana, acariciando as curvas sutis no caminho. Mary o persuadiu com suspiros, gemidos, e pedidos suaves de mais. Ele testou a carne morna entre suas pernas e a achou quente e molhada. Ele suavemente empurrou dois dedos dentro a acariciando. Ela ofegou e se estorceu.

- Oh, Dace. Deus, isso parece tão bom. *Por favor*, eu não posso esperar mais.

Ele sorriu.

- Me diga o que você quer.

- Você. Suas palavras eram ofegantes. - Dentro de mim.

Dace gemeu em frustração.

- Maldição. Eu não tenho quaisquer preservativos.

Ela tomou seu rosto nas mãos, e ele viu confiança em seus olhos.

- Tudo bem. Eu sou saudável, e eu tomo pílula para regular meus períodos.

Sua respiração inchou. O pensamento de estar fundo dentro dela e vindo dentro de seu corpo enviou seus hormônios em uma ira quente.

- Eu sou saudável, também.

- Eu confio em você.

Seu controle se arrombou em um milhão de pedaços. Quando ele a beijou novamente, ela trabalhou em seu cinto, o abrindo e se desfazendo de suas calças em tempo recorde. Antes que Dace percebesse, seu pênis estava em sua mão. Ela o esfregou e esfregou novamente.

Ele agarrou sua mão.

- Agora?

- *Agora.*

Seu apelo quebrou seu controle. Dace empurrou suas calças por suas pernas e as lançou longe, suas meias. Ele desceu em cima dela, se extasiando na sensação de sentir sua pele. Sentir Mary em baixo dele soprou sua mente. Seu corpo esbelto, tão frágil ainda forte, o dirigiu para a beira de uma loucura extraordinária. Ela levou suas pernas até abraçar seus quadris quando seu pênis tocou suas dobras molhadas.

*

Mary viu intenção feroz na expressão do Dace, uma necessidade animal aquecida. Quando ela fechou seus olhos, seu pênis ancorou em cima de seu clitóris. Ela ofegou. Com um gemido suave ele a penetrou em uma punhalada dura, dividindo sua tensão com pressão fixa. Ele a estirou fundo e largo, empurrando até que seus quadris se tocaram. O calor e luz pareceram a engolfar, um desejo elétrico fixo que faiscou e dançou dentro dela. Ele enterrou seu rosto em seu cabelo e se apoiou em seus antebraços. Ele estremeceu e gemeu, e sua batida do coração ficou mais rápida este tempo. Uma dor centrou alto dentro dela, e ela se curvou mais para cima como se ele pudesse entrar mais fundo. Desesperada por senti-lo se movendo dentro, ela ziguezagueou seus quadris.

Os ofegos quentes de sua respiração arrelharam sua orelha.

- Você sente tão bem. Tão quente ao redor de mim.

Sua boca se moveu em cima da sua com fervor crescente quando ele começou a se mover. Excitação frenética propulsou por ela para juntar-se à sua dança feroz, os levar a extremidade de um fim ígneo.

Ela apertou ao redor de toda aquela ereção deliciosa, e seu beijo ficou mais quente e mais desesperado. Seu corpo acariciado bem no fundo, inflamando seu desejo. Ela nunca tinha feito sexo sem um preservativo e a sensação de sua carne nua contra ela, dentro dela, exaltava sua estimulação. Mary clamou e se agarrou a ele ferozmente, respondendo para cada golpe fundo. A cama rangia com seus movimentos e suas punhaladas mudaram, ficando mais rápidas. Golpes pequenos, duros geraram um calor muito excitante que ela gemeu com prazer.

Mais rápido. Oh, Deus. Mais rápido.

Seu corpo a advertiu, seus músculos internos apertando e lançando, tremulando ao redor de sua dureza.

Mary clamou nitidamente quando seu clímax enviou calafrios fundos por ela. Ela agitou, ofegou, tudo dentro dela explodiu em prazer. Ele bateu fora sua necessidade, fodendo ela com golpes volumosos que martelaram fundo como suas contrações apertaram em cima de seu pênis. Dace se segurou fundo nela e lançou um gemido gutural quando ele tremeu em rendição. Ela sentiu sua inundação de sêmen quente, e a intimidade enviou lágrimas de felicidade a seus olhos.

Eles adormeceram pouco tempo mais tarde, mas ela despertou no meio da noite, com as palmas do Dace a percorrendo em carícias urgentes. Ele a segurou por trás, sua ereção espessa quente e corajosa entre suas pernas. O ato de amor este tempo passou muito mais lento, tomou mais tempo para completar.

Isto é certo. Então muito certo.

Mary soube que esta noite permaneceria para sempre em sua memória, não importa o que acontecesse a seguir. Ela apreciaria isto e manteria com ela sempre.

Logo suas carícias urgentes afugentaram todos seus pensamentos. Suas pontas do dedo arreliaram seus mamilos, impenitentes em sua atenção. Ele arrancou, ele arrastou, ele em forma de xícara. Seus toques inexoráveis e toques tenros arranharam partes dela que ela nunca tinha considerado zona erógena antes. Sua batida do coração se acelerou quando ele recuou seu pênis, então deslizou adiante, começando um ritmo com seus quadris. Quando seu comprimento longo bateu em cima de sua carne, ela torceu e arquejou. Só assim, ele a virou, seu corpo doía e mendigava para mais. Ele lançou suas inibições em toda nova excursão em cima de sua pele desnuda, seus padrões de toque. Golpes longos, fixos de seu pênis manipulando e persuadindo mais reação de seu corpo já aquecido. Ela abriu suas pernas mais largas e se curvou atrás contra ele. Com um empurrão fixo ele empurrou dentro dela.

Mary ofegou em prazer. Cada golpe adicionou mais sensações deliciosas. Ela juntou-se a dança. Ele torceu e arrastou seus mamilos, e a fricção adicionada a enviou em quente espiral de necessidade que subia mais alto e mais alto. Sussuros e gemidos saíam de seus lábios, mas ela não se importou.

Nada importou se não se afogar nas sensações. Ela moveu seus quadris com mais agressão, batendo atrás contra ele. Ele levantou o passo quando ela o persuadiu para frente.

Seu corpo grande, duro embalou e protegeu ao mesmo tempo em que ele a dirigiu diretamente acima da extremidade do abismo. Suas mãos agarraram seus seios e os seguraram quando ele bateu fundo.

Calor floresceu até que expandiu e se tornou seu mundo inteiro. Um grito pairou em seus lábios.

Seu corpo apertou ao redor do seu pênis, e com um grito ela culminou violentamente. Quando seu corpo estremeceu e agitou, ele empurrou mais duro e rosnou em sua garganta. Um segundo mais tarde seu grito severo e o jato quente de sêmen foi bem fundo nela.

Mary perguntou-se se qualquer coisa pudesse ser melhor que isto. Eles se deitaram pegajosos e quentes, arquejando e cheios com uma fosforescência bonita. Suas mãos ainda cercaram seus seios, seu pênis ficou duro dentro dela.

Antes dela poder emergir de sua névoa orgasmica, seus quadris começaram a se mover novamente.

Ela ofegou.

- Mmm. Seu gemido de prazer soou emocionado e ávido para mais.

E ele lhe deu cada vez mais até que ela pensou que o êxtase seria muito grande. Ela não pensou que ela teria mais desejo, mas cada punhalada trouxe prazer renovado. Golpes infinitos a acariciavam até que a pressa para o orgasmo veio tão rápido que ela clamou de felicidade.

Capítulo Sete

A sexta-feira de manhã veio muito cedo para Dace quando ele rolou em cima da na cama. Ele não podia conseguir se lembrar da última vez que ele tinha se sentido assim tão feliz. Talvez ele nunca tivesse sido assim antes.

Ele foi abraçar Mary e achou os lençóis frios e vazios. Seus olhos estalados abertos. Sim, ele tinha encontrado só a cama. O que mais era novo? Ele pensou que era um sonho, mas desde que ele estava na cama de Mary, ele soube que ontem à noite tinha acontecido.

O aroma de café arreliou seu nariz. Sim. Isso cheirou bem.

Ele colocou sua cueca e deixou o quarto. Quando a princípio ele não a viu em qualquer lugar, um apazível pânico apertou seus músculos. Onde ela estava? Então ele a viu entrar da sacada pequena, completamente vestida, com uma xícara de café na mão. Parou de nevar, mas ele podia ver que sua respiração estava exalando vapor na temperatura gelada. Ela vestia grandes botas, uma jaqueta térmica e um boné. Embora ela estivesse coberta da cabeça até o dedão do pé, ele nunca tinha visto mulher mais bonita. Ontem à noite o amor deles o fez se sentir em casa - ele não conseguia não imaginar experimentar o deslizamento doce estar dentro dela, o compartilhar de corpos tinha algo além de um mero encontro.

Ela viu o por um momento pela porta de vidro de correr fechada. Ele esperou um sorriso, mas ao invés ele viu sua cautela. Homem, oh, homem. Ele podia sentir isto pela espessura do vidro, ele não iria gostar do que ela iria dizer.

Ela abriu a porta de vidro e entrou.

Ela sorriu, mas seu sorriso não tinha o calor que ele esperava. Procurava.

Ele se aproximou, sentindo uma necessidade primitiva de marcá-la e reivindicá-la. Ela manteve sua xícara de café na mão, então ele se debruçou e a beijou ligeiramente.

- Bom dia.
- Bom dia. Quer café? Ela perguntou.
- Pode deixar que eu pego.

Seus olhos suaves o acariciaram, demorando em cima de seu tórax nú, e descendo para admirar o resto dele. Sua avaliação óbvia inflou seu ego, mas o humilhou ao mesmo tempo.

- Você gostaria de um café da manhã?
- Eu me sirvo. Se você quer algum, vá em frente.

Ele despejou só metade de uma xícara de café para ele, registrando um sentimento no ar que ele não gostou.

Quando ele se sentou próximo a Mary no balcão de café da manhã, ele olhou fixamente e direto nela. Ela não desviou o olhar do seu.

- Algo errado? Ele perguntou.

Ela se apoiou no balcão com seus antebraços, sua expressão imparcial.

- Eu me levantei cedo esta manhã porque eu estava acordada e não conseguia parar de pensar sobre nós.

- Chegou a alguma conclusão?

Ela dobrou suas mãos, quase como se rezando para uma idéia ou força.

- O que nós tivemos ontem à noite foi... Ela esfregou seu pescoço, suas sobrelombas ligeiramente arqueadas juntas. - Foi um engano.

Decepção aguda o atingiu. Ele quis contradizê-la, mas uma parte pequena dele entendeu o que ela quis dizer.

- Eu não posso dizer que eu estou surpreso por você estar dizendo isto.

Ela gemeu suavemente e continuou a esfregar seu pescoço. Preocupado, ele se levantou e ficou atrás dela.

Ele tirou seu cabelo longe e massageou seu pescoço e ombros suavemente, amando sentir seus ossos e pele delicada.

- Melhorou?
- Eu penso que eu estou exausta.
- Ele sorriu.
- Sexo demais?

Ele não podia ver seu rosto, mas ela riu auto - conscientemente. - Eu não acho.

- Por que você pensa que nós cometemos um engano, Mary?

Ela girou em direção a ele.

- Ontem à noite eu estava chateada e em sobrecarregada. Eu disse coisas e você disse coisas.

Uma dúvida terrível saiu de seu pensamento.

- Que nós não quisemos dizer?

- Sim.

- *Eu* quis dizer todas as palavras que eu disse. Ele deslizou seus dedos em seu cabelo. - Eu não mentiria para levá-la para a cama.

Seus olhos se entristeceram, e Dace entendeu que ele tinha tocado em algum ponto dolorido. Ela fechou seus olhos debaixo do seu toque, e ele quase se debruçou para beijá-la. Se ele a saboreasse talvez ela cedesse, admitiria que ela perdeu sua cabeça e que ela gostou dele.

Maldição.

- Você não faria sexo comigo se você não se importasse comigo, Mary. Você é o tipo de mulher que tem que sentir algo por um homem antes de saltar na cama com ele.

- Tipo? Sua voz subiu. - Eu não sabia que eu era um tipo.

Deus, ele estava complicando as coisas nesta taxa. Ele a soltou e se afastou. Se ela precisasse de distância e tempo para refletir sobre sua relação, ele teve que lhe dar o que ela procurava.

Ele empurrou suas mãos por seu cabelo.

- Certo. Pelo menos me diga por que você pensa que nós somos um engano.

A tristeza em seus olhos aumentou.

- Porque você é um policial, e eu não quero uma relação com um policial. É claro e simples. Estando com você eventualmente sofrerei.

Seu desejo intrínseco era pressionar, fazer com que ela entendesse que ele ser um policial não tinha nada a ver com seu medo. Mas ele soube que aquela lógica não ajudaria. Ele viu preocupação em seus olhos, a ardente convicção que suas preocupações eram verdadeiras e não por causa do que tinha acontecido com seu pai.

- Você acha que eu não entendo porque que você está apavorada, mas eu entendo, ele disse. - Eu sei o que é perder alguém que você ama e desejar que você pudesse voltar no tempo para salvá-la. Ele quase a tocou, mas mudou de idéia.

- Diga o que você quer. Você precisa de tempo para pensar sobre que aconteceu ontem.

Ele não a beijou. Não tentou tocá-la. Deixou que ela tivesse tanto espaço quanto ela quisesse.

Ele foi para o quarto para tomar banho e se vestir. Quando ele terminou um pouco tempo depois ela tinha voltado para a sacada.

Ele apertou seu lábio, se corroendo na idéia de só partir e não dizer adeus. Mas não. Não importa como ferido ele se sentia agora mesmo, ele não agiria como um idiota e imaturo adolescente.

Ele abriu a porta de vidro, e ela girou para olhá-lo, tristeza escurecendo sua expressão.

- Seria melhor que eu fosse. Chame-me quando você quiser conversar.

Ela movimentou a cabeça.

- Eu irei.

Querendo mais, mas afundado em incertezas, ele partiu.

* * * *

- O que está errado com você esta manhã? Lakeisha perguntou segunda-feira de manhã quando ela se sentou na estação de trabalho de Hannah.

Mary tentou forçar um sorriso, mas não funcionou. Nada funcionou.

- Eu estou bem.

- Hannah deve voltar amanhã.

- Bom.

Mary não conversou com Dace desde sua intranquila separação, e ela só o tinha visto à distância mais cedo esta manhã. Ao longo do fim de semana ela tinha tido muito tempo para pensar. Quando ela voltou para ao trabalho ela assegurou ao seu chefe que ela podia retornar e não tinha nenhum problema. Mais uma coisa precisava ser resolvida antes dela poder ter paz.

- Você ouviu? Coreen disse quando ela parou na escrivaninha da Mary.

Mary suspirou. Ela não quis ouvir. Seus dedos voaram em cima das teclas do computador.

- O que?

O cabelo preto como tinta de Coreen caiu em sua bochecha quando ela se debruçou no balcão alto e fitou Mary. Seus olhos marrons seguraram um resfriado, e calculado olhar que ela não podia esconder debaixo de qualquer pretensão. Pelo menos, não de Mary. Ela podia ler esta mulher como um do livro aberto.

Quando Coreen não respondeu, Mary olhou para cima com exasperação. A mulher de maldição ficou onde ela estava seus olhos brilhando com dano.

- Coreen, eu tenho um mais relatórios para terminar antes que eu possa sair hoje. Se nós pudéssemos ir direto ao assunto...

- Dace foi ferido em um chamado, umas horas atrás.

O corpo inteiro da Mary congelou. Ela não conseguia desviar o olhar de sua tela de computador.

- O que?

- Eles o levaram ao hospital para observação. Por uma vez Coreen não teve um ar insolente e superior em seu rosto.

Preocupação mordeu Mary com dentes afiados.

- Qual a situação?

- Como eu disse, eu não sei. Eu mantereí você informada. Coreen deixou a sala.

- Certo Mary disse para ela mesma. Ela pegou sua agenda telefônica e procurou.

- Qual é o maldito numero de telefone do hospital?

Antes que ela percebesse, tinha localizado o número e discado. Alfinetes e agulhas não descreviam Mary muito bem. Não, seu coração batia muito duro, seu pulso tremulava demais, seu estômago estava apertado. Apesar de tudo isto, entorpecimento tomou conta até que ela alcançasse o balcão a do hospital e eles lhe levaram ao quarto de emergência. Demorou um pouco mais para ela encontrar Kelso.

- Dace está bem? O pânico estava em sua voz apesar de seus esforços para forçar abaixo seus sentimentos selvagens.

- Coreen nos disse que ele está ferido.

- Ele está bem, considerando que ele teve uma granada de mão lançada em cima dele pela janela.

- O que?

- Sim. O idiota louco no lado norte decidiu que ele resistiria à prisão, e nós chegamos quando ele se trancou em casa.

- Oh, Deus.

- Dace foi jogado dos degraus e contundiu uma costela, mas ele está bem, e logo o estarão deixando partir.

Ela suspirou de alívio.

- Estas são boas notícias.

- Eh, você estará aqui em aproximadamente uns trinta minutos, certo? Eu o segurarei até que você possa chegar aqui.

- Segurá-lo?

- Eu sei que você quer vê-lo. Os médicos não querem que ele dirija e eles querem que ele fique em casa por um dia. Ele precisará de uma babá.

O significado descarado e não tão descarado do Kelso veio bem sucedido alto e claro.

- Eu estarei aí assim que eu conseguir sair daqui. Não o deixe fugir.

- Sem chance.

* * * *

Quando Mary caminhou para o hospital, ela soube o que ela tinha que dizer para fechar uma parte sua vida que lhe causou muito sofrimento por perder alguém muito querido. Ela odiava hospitais, entretanto então, muitas pessoas odiavam. Aqui, pessoas achavam esperança, elas sofriam, elas achavam cura, elas às vezes morriam.

A parte agonizante era o que mais a aborrecia.

Porque pensando sobre Dace deixando esta Terra sem ela o ter em sua vida primeiro... Bem, o pensamento rasgou um buraco em sua alma que não podia ser remendado.

Ela o achou na sala de espera da emergência sentado em uma cadeira de rodas, sem Kelso o segurar. Surpresa, surpresa. Uma televisão alta em um canto tocou um daquelas radiodifusões que gritaram o surto de saúde mais recente. Lendo uma revista de carro, Dace pareceu inconsciente, não só das notícias, mas da sala de espera cheia ao seu redor. Dalí ele não parecia ter nenhuma contusão, cortes, nenhuma bandagem que falou de dano. Aliviada, ela se aproximou.

A princípio ele não a viu.

- Dace.

Ele olhou para cima, e sua expectante e contente expressão aliviou um pouco de sua preocupação.

- Ei. Você demorou. Sua boca estalou aberta. Antes que ela pudesse falar, ele sorriu.

- Eu estou brincando. Kelso me deu algumas desculpas esfarrapadas sobre ter que partir e que você viria por me buscar.

Ela retornou seu sorriso.

- Ele é bom nisto, não é? Ela se agachou e apertou seu antebraço. -
Como você sente?

Seu sorriso relampejou como se ele quase não tivesse perdido sua vida.

- Eu me sinto bem. Minhas costelas estão doloridas, mas fora isto, eu estou maravilhoso.

- Kelso disse que você desmaiou.

Ele encolheu os ombros, então fez careta.

- Por dois minutos. Não se preocupe. Meus cérebros não viraram mingau ainda. Ele piscou. - Eu ainda tenho meu charme.

Ela riu.

- Se eu não o conhecesse, eu diria que a explosão ligou seu comediante interno.

- Quando eu acordei e percebi que meu traseiro não tinha sido soprado, eu fiz um voto. Eu decidi que eu seria mais leve. Eu sinto como se eu tivesse bloqueado diversão demais de minha vida. Ele cobriu sua mão.

- Eu tenho estado muito disposto a passar pelas pequenas, boas coisas.

- Como sorvete de chocolate? Ela perguntou.

Seu olhar ficou mais quente, mais significativo.

- Com chantili.

Oh, sim.

Ela tragou duro e se levantou.

- Pronto para ir?

- Eles têm que levar até lá fora de cadeira de rodas. Regulamentos do hospital.

Ela pediu ajuda de outra enfermeira e as duas o levaram até o carro de Mary. Quando eles deixaram a área do estacionamento e entraram nas ruas cheias de neve, um silêncio estranho pairou em cima deles. Agora que ela teve Dace em seu carro, ela não conseguia formar uma oração. Finalmente, eles chegaram até sua casa.

- Quer entrar um pouco? Ele perguntou quando eles estacionaram.

- Absolutamente. Eu terei certeza que você esteja bem instalado em seu apartamento.

Ele sorriu.

- Eu estou bem.

Ela luziu a ele.

- Certo. Você quase teve seu traseiro chutado. Você não está bem.

Ele riu.

- Ow. Isso machuca.

- Veja o que eu quero dizer?

- Então retorno é uma cadela? Eu cuidei de você noutro dia e agora você está me devolvendo o favor.

- Algo assim.

Ele riu novamente e gemeu mais um tempo. Ele saiu do carro antes que ela pudesse dar a volta e abrir a porta para ele. Ele caminhou um pouco duro, mas diferente disto ele pareceu estável, ainda bem. Seu apartamento era no andar térreo, e quando eles entraram, ela viu que ele não tinha decorado muito.

- Você parece com que você viu algo sórdido. Ele fechou a porta e tirou seu casaco.

- Este é meu segundo apartamento na cidade e eu apenas comecei a redecorar.

- Oh.

- Você pensou que isto era tudo que existia, eh?

- Um... Sim.

Ele riu e gemeu.

- Se você vai me fazer rir, você terá que me massagear depois.

O trem estava andando, e ela não planejou pará-lo. Ela tirou seu casaco e o lançou em cima de um apoio.

- Você conseguiu isto.

Seu sorriso mal cresceu mais largo. Ele passeou em direção ao corredor.

- Eu vou colocar um calção.

- Você precisa de ajuda?

Quando ele girou o olhar para ela, seus olhos seguravam uma fome íntima que ela não conseguiu ignorar.

- Eu estou duro como inferno. Sim. Eu poderia precisar de ajuda.

Não era como se ela não o tivesse visto nu antes. Ele podia ficar nu e ela não se sentiria alterada.

Ceeeerto.

Uma vez em seu quarto, ele acendeu a uma luz. Ela não devia se sentir desajeitada ali, mas ela se sentia. Seu quarto era tão masculino quanto ela esperaria de alguém apelidado de Hard Man. Uma colcha azul marinho e cinzenta estava em cima da cama tamanho King Size, e a mobília de madeira escura parecia antiga ou era uma boa réplica.

Ele mexeu em sua cômoda e tirou calções de marinha. Quando ele girou e ela o viu estremecer, todo instinto gritou para que ela ajudasse. Certo, ela quis tocá-lo, mas principalmente ela odiava o ver sentindo dor.

Ele tirou seu uniforme da SWAT, e ela pegou isto dele. Quando ele tentou erguer sua camiseta branca, ele estremeceu e se deteve.

- Você está bem? Suas mãos tocaram as suas. - Aqui, deixe-me ajudá-lo.

Suas mãos tocaram os contornos duros como aço quando ela tirou a. Ele a assistiu, e ela corou. Então, ele se sentou na cama e começou a se curvar.

Ela o empurrou de volta. - Aqui, deixe-me tirar suas botas.

Ele se debruçou de volta em seus cotovelos, entretanto gemeu e se deitou. - Ah, isso sente melhor.

Ela tirou suas botas rapidamente.

- Maldição, mulher, você é boa nisto.

- Oh, sim. Eu faço este tipo de coisa o tempo todo.

- Você pode fazer isto para *mim* a qualquer hora.

Ela ouviu uma sugestão do que soou como ciúme, e seu coração saltou, respondendo, como a psicóloga da televisão tinha dito, aos feromônios. Ela tirou suas meias.

- Tire minhas calças.

Mary ridicularizou seu sorriso maldoso.

- Por que, Dace Banovic, eu penso que você está se aproveitando disto.

Ele atou suas mãos em cima de seu abdômen e meneou suas sobrancelhas.

- Sim, eu estou.

Encorajada e parecendo definido estimulação, ela abriu seu cinto, desfez suas calças, e lentamente deslizou zíper abaixo. Ela manteve seus olhos nos seus, e debaixo de sua mão seu pênis endureceu.

- Oh, homem. Ele quase ofegou as palavras.

- Amada, se você continuar fazendo isto...

- Sim?

- Eu não serei responsável pelo que acontecer a seguir.

A idéia de que ela podia mexer com ele até quando ele sentia dor da cabeça até os pés deu um impulso ao seu ego. Não negando isto.

- Eu preciso de alguma ajuda com estas calças.

Seu arreliando sorriso ficou no lugar enquanto ele se sentou e ergueu seus quadris o suficiente para ela poder tirar suas calças. Vestindo nada além de cueca preta que embalava sua ereção, ele representou um macho inegavelmente magnífico.

Ela se deitou na cama ao lado dele, sustentando em seu braço. De nenhum modo ela podia parar a necessidade feroz que a inundou. Como

se ele apertasse um interruptor especial, seus seios doíam, seus mamilos estavam apertados, e a carne entre suas pernas ficou úmida e dolorida por atenção. Mas inferno, tudo que ele teve que fazer era olhar para ela para que ela se sentisse assim. Dace alcançou em cima e deslizou sua mão em seu cabelo. O anelo e calor em seus olhos a fez doer para beijá-lo.

Mas primeiro as coisas mais importantes.

- Quando eu descobri que você estava ferido... Isto me assustou muito Dace.

- Ainda assim, você foi me buscar no hospital. Você *poderia* ter se afastado.

Ela inalou e tomou uma chance, pulando que ele entenderia.

- Primeiro, deixe-me dizer que eu sou tão espesso quanto uma madeira.

- O que?

- Eu agi como uma idiota quando eu o mandei embora.

- Você precisava de tempo para pensar.

- Eu pensei. Longo e duro. E eu percebi que eu estava desistindo de mim mesmo muito rápido. Eu desisti de *você* muito fácil.

Seus olhos brilhavam com compreensão quando seu toque se moveu para seu quadril.

- Provavelmente foi bom que nós ficássemos separados para pensar no que nós estávamos entrando.

Um medo minúsculo surgiu dentro dela.

- Você chegou a alguma conclusão?

Ele suspirou.

- Sim. Eu quero uma chance com você. Eu sei que nós dois temos bagagem, mas eu também penso que isto nos faz humanos. Eu perdi Gloria, mas eu achei você. Eu espero que você queira ficar comigo.

Ela acariciou seu rosto.

- Eu quero. Mais que qualquer coisa que eu quis em minha vida.

Ele sorriu extensamente, seus olhos mornos.

- Bom. Porque quanto mais eu estou com você, mais eu quero conhecê-la, explorar o que nós temos. Você quer dizer muito para mim.

Alegria libertou-se dentro dela em sua declaração simples, sincera. Mary não podia conter-se quando ela se debruçou adiante e tocou seus lábios com os seus.

- Eu penso que é muito tarde para me salvar, Dace. Você também é muito importante para mim também.

O sorriso do Dace ficou largo e impenitente.

- Fique comigo hoje à noite e vejo o que acontecerá a seguir.

Ele a rolou em cima de suas costas e a beijou. A paixão que fluía dentro dela cresceu até que nada importou, mas estar junto dele. Não demorou nada para que ela perdesse suas roupas, para que o calor os consumisse e Dace juntar em seus corpos com uma punhalada lisa, rápida.

Quando seus olhos fecharam com os dele, ele disse,

- Oh, homem, eu penso que você tem a cura para que o que me aflige.

Ela sorriu.

- Fico feliz em ajudar.

Então, com punhaladas fundas, ele mostrou a Mary que ele tinha a cura para o que a afligia, também. Seus quadris se curvaram com cada movimento poderoso quando eles se apertavam um contra o outro. Mary soube que ela queria e precisava deste êxtase com Dace e somente ele. Ela apertou seus músculos, o segurando dentro dela quando o prazer a levou dentro de um casulo que ela não desejava escapar. Ela ofegou ruidosamente quando ela alcançou as alturas. A felicidade a levou mais alto, a lançando acima das correntezas quando ela perdeu todas as inibições. Ela pulsou ao redor do seu pênis, absorvendo suas punhaladas fundas, sentindo toda polegada dele quando ele entrou em seu corpo. Seus quadris martelavam, e ela amou sua perda de controle, o som feroz que deixou sua garganta. Calor a virou do avesso, a alçando mais alto até que uma punhalada o lançou em espiral. Ela choramingou o prazer tão quente e explosivo, que ela esperou apertada em desespero. Com um grunhido, ele se agitou em cima dela e ficou quieto.

Ele eventualmente gemeu e riu.

- Ah, homem. Eu penso que isto me matou.

- Eu não consigo acreditar que nós fizemos isto com você ferido.

- acredite em mim, você vale a pena.

Depois que eles esfriaram, ele a segurou perto.

- Venha celebrar ação de graças com minha família.

Seus olhos se encheram de lágrimas, e ela se moveu para deitar o olhando de frente, os braços apertados ao redor do outro.

– Isto soa maravilhoso.

Seus olhos se estreitaram.

- Você está chorando?

- Não se preocupe Dace, estas são lágrimas prazerosas de felicidade.

E então ela o beijou novamente.

Fim



Visitem os blogs:

<http://romanticonlivroshot.blogspot.com/>

<http://ebookshotmell.blogspot.com/>

<http://livrosemtraducao.blogspot.com/>